

# Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX



**Helio Begliomini**

2021  
São Paulo

 **EXPRESSÃO & ARTE**  
**EDITORA**

Copyright © 2021  
Todos os direitos reservados ao autor

A reprodução não autorizada desta publicação; do texto ou em parte,  
constitui violação do copyright (Lei 5988/73 e Lei 9610/98)

Capa: *Andréia Garcia*  
Revisão: *Isaias Zilli*  
Projeto gráfico e Diagramação: *Andréia Garcia*

**Ficha Catalográfica elaborada por Renata Lopes Mariano dos Santos –  
CRB8-7615.**

B364m

Begliomini, Helio

Mulheres notáveis e pioneiras na área da saúde do Brasil do  
século XIX/ Helio Begliomini. – São Paulo: Expressão & Arte Editora,  
2021.

80 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978.65.5833.007-3

1.História das Mulheres – Saúde no Brasil. 2.Mulheres Pioneiras  
– Saúde do Brasil. 3.Mulheres da Medicina – Brasil. 4.Historiografia  
da Mulher na Saúde. 5.Identidade de Gênero. I. Título.

CDD 331.4  
CDU 614-055.2

## *Obras publicadas pelo Autor:*

1. Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo, 1984  
*Tese de Mestrado*
2. Pelo Averso, 1998  
*Crônicas, Ensaios e Cartas*
3. Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, 1999  
*Cadastro Nacional*
4. Tributo à Sobrames Nacional, 1965-2000  
*Ensaios e História*
5. Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras, 2000  
*Discursos de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Cristã de Letras*
6. Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional, 2001 (Coautoria)  
*História e Documentário*
7. A Sobrames Nacional e Seus Presidentes, 2001  
*História e Biografias*
8. Contraponto, 2002  
*Crônicas, Ensaios e Cartas*  
Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004) da Academia Paulistana da História
9. Alvíssaras, 2003  
*Pensamentos, Reflexões, Apotegmas, Provérbios e Orações*
10. Mistura Fina, 2004  
*Crônicas, Ensaios e Cartas*

11. Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia, 2005  
*Biografia e Documentário*  
Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) da Academia Paulistana da História
12. Urologia, Vida e Ética, 2006  
*Ensaio, Crônicas, Cartas e Desenvolvimento de Doutrina sobre Ética Médica, particularmente em Urologia*
13. Sonhar é Preciso, 2007  
*Discursos de saudação e do recipiendário como membro correspondente, assim como fragmentos históricos da Academia Nacional de Medicina*
14. Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História, 2007  
*História e Documentário*  
Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007) da Academia Paulistana da História
15. Alçando Novos Ares, 2007  
*Discursos de saudação e do recipiendário como sócio-efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, assim como dados de atuação desse sodalício*
16. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História, 2007  
*História e Documentário*  
Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) da Academia Paulistana da História.  
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2008 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
17. Dissecando a Vida, 2008  
*Ensaio*
18. Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008 (Coautoria), 2008  
*História e Documentário*
19. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I, 2009  
*Ensaio, Crônicas e Discursos*

20. Asclepiades da Academia Paulista de Letras, 2009  
*História, Documentário e Biografias*  
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2009 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
21. Entressafra, 2010  
*Ensaio, Crônicas, Cartas e Prefácios*  
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2010 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
22. Imortais da Abrames, 2010  
*História, Documentário e Biografias*
23. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II, 2011  
*Ensaio, Crônicas e Discursos*
24. Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária, 2011  
*História, Documentário e Biografias*  
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2011 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
25. 7 de Março (Coautoria), 2012  
*História e Biografias*
26. Esculápios da Casa de Machado de Assis, 2012  
*História, Documentário e Biografias*
27. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo, 2014  
*História e Biografias*
28. Matéria-Prima, 2014  
*Ensaio, Crônicas, Cartas, Necrológicos, Discursos, Biografias e Prefácios*
29. Rotary Club de São Paulo Tremembé □ Dezesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária (Coautoria), 2015  
*Documentário e História*

30. Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência, 2015  
*História, Documentário e Biografias*
31. Um Escritor que Virou Cidade, 2016  
*Biografia e Documentário*
32. Rugas, 2017  
*Crônicas, Cartas, Necrológios, Discursos, Biografias e Memórias*
33. Helio Begliomini em Prosa e Verso, 2018 – editor Marcos Gimenes Salun  
*Coletânea de textos selecionados pelo editor em prosa e verso*
34. Um Médico Entre Historiadores – Agradecendo a um Especial Convite de Clio, 2018  
*Discursos do presidente, de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Paulista de História*
35. Entrelinhas, 2018  
*Crônicas, Cartas, Ensaios, Discursos, Necrológios e Biografias*
36. Memórias de um Caríssimo Ambulatório, 2019  
*Documentário e História*
37. Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo, 2021  
*História, Documentário e Biografias*
38. Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX, 2021  
*História, Documentário e Biografias*



## *Sumário*

Dedicatória .....	9
Agradecimento .....	11
Prefácio .....	13
Introdução .....	15
No Mundo .....	17
Hildegarda de Bingen.....	17
Dorothea Christiane Erxleben.....	18
James Miranda Stuart Barry.....	19
Elizabeth Blackwell .....	20
Florence Nightingale.....	21
Eloísa Díaz Inzunza.....	22
Cecilia Grierson.....	23
Marie Skłodowska Curie.....	25
Gerty Theresa Radnitz Cori .....	26
As Primeiras Dez Faculdades de Medicina do Brasil e a Liberação para a Mulher Estudar no Ensino Superior .....	29
No Brasil .....	31
Anna Justina Ferreira Nery .....	31
Marie Josephine Mathilde Durocher .....	33
Maria Augusta Generoso Estrela .....	35
Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira.....	38
Anna Tourão Machado Falcão.....	39
Rita Lobato Velho Lopes .....	42

Ermelinda Lopes de Vasconcelos .....	44
Antonieta César Dias.....	45
Amélia Pedroso Bembem.....	46
Jeanne Françoise Joséphine Marie Rennotte .....	47
Maria Amélia Cavalcante de Albuquerque.....	49
Francisca Pragner Fróes.....	50
Sumário das mulheres médicas, graduadas no século XIX, que atuaram no Brasil .....	53
Adendo .....	55
Alice Mäeffér .....	55
Noemy Valle da Rocha .....	55
Délia Ferraz Fávero .....	57
Odette Nora de Azevedo Antunes.....	58
Maria Falce de Macedo .....	58
Alzira Nogueira Reis .....	60
Carmem Escobar Pires.....	62
Carlota Pereira de Queiroz .....	63
Olga Maria Paes de Andrade.....	66
Eudésia de Carvalho Vieira .....	66
Neusa Vinagre de Andrade .....	66
Aracilda Benthennmluer Medeiros .....	66
Isaura Lemos Mesquita .....	66
Referências .....	67
Dados do autor.....	69



## *Dedicatória*

*“A história da mulher é a história da pior tirania que o mundo conheceu:  
a tirania do mais fraco sobre o mais forte.”*

Oscar Wilde (1854-1900), escritor, poeta e dramaturgo irlandês.

Este singelo opúsculo é dedicado à grandeza da mulher,  
o forte “sexo frágil” – geradora da vida e sacrário de Deus!

Senhora de si, do homem e, quiçá, do mundo!

***Helio Begliomini***





# *Agradecimento*

*“Agradecer não é somente um ato da razão, mas também do coração.”*

Agradeço, mui sensibilizado, a honra de prefaciar este livro,  
à ilustre professora doutora Nadir Eunice Valverde Barbato de Prates,  
o que muito contribuiu para valorizar este empreendimento.

***Helio Begliomini***





## Prefácio

Recebi, com grande satisfação, o honroso convite para realizar o prefácio desta excelente obra, idealizada e escrita pelo admirável médico, professor, historiador e escritor de mais de 30 livros Dr. Helio Begliomini. Confesso que senti imenso orgulho e alegria pelo tema escolhido. O Dr. Begliomini, figura ilustre e versátil, salienta-se pela sua notável atuação na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames), Academia Cristã de Letras, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Brasileira de Médicos Escritores e Academia Paulista de História. Mergulha, com esta obra, na história das médicas e profissionais da saúde dos séculos XIX e XX. Revela-nos a luta destas pioneiras contra dificuldades e preconceitos difíceis de transpor, e mostra-nos a superação delas às adversidades para poder exercer seus ideais profissionais. Faz-nos um relato elaborado da vida e atuação destas mulheres especiais, que contribuíram, cada qual à sua maneira, com o avanço da ciência e mostraram seu valor no cuidado aos pacientes. O autor faz-nos lembrar o saudoso professor Carlos da Silva Lacaz: “É preciso voltar um pouco ao passado, sem desprezar as grandes e valiosas conquistas do presente”.

A história da Humanidade foi marcada pela discriminação do sexo feminino e não foi diferente em relação às médicas. O livro nos induz a uma reflexão histórica, através da vida destas mulheres, da luta pela igualdade e equidade de gênero na construção de uma sociedade mais justa.

O trabalho compõe-se de três importantes capítulos:

- O primeiro capítulo refere-se às mulheres pioneiras, na área da saúde no mundo. Inicia-se com a descrição de uma monja beneditina nascida em 1098, destacando ainda a primeira mulher a se graduar em medicina no mundo, no ano de 1754.

- O segundo capítulo salienta as primeiras mulheres que fizeram história no Brasil, na área da saúde, graduadas em universidades do exterior e depois as graduadas no Brasil, quando surgiram as primeiras escolas médicas no nosso meio.

- Já o terceiro capítulo descreve médicas ilustres graduadas no Brasil, mormente no início do Século XX.

O Dr. Begliomini destaca-se pela didática e pelos detalhes na sua descrição. Mostra-nos de maneira fácil, simples e agradável a biografia destas mulheres. Estas pioneiras, que por amor à sua profissão, abriram o caminho para o exercício da Mulher na Medicina, na Enfermagem e na Pesquisa. Hoje, no Brasil, mais da metade dos profissionais médicos é constituída por médicas.

Recordemos as palavras de Albert Einstein que se encaixam bem ao amor destas mulheres pela Medicina e pelos cuidados com a Saúde: “Se um dia você tiver que escolher entre o mundo e o amor, lembre-se, se escolher o mundo ficará sem amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo”. Para Molière “O amor é o melhor médico”.

Parabéns ao Dr. Begliomini pelo excelente trabalho ao divulgar e valorizar o pioneirismo destas valentes profissionais.



*Nadir Eunice Valverde Barbato de Prates<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Médica formada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), instituição onde tem se dedicado à carreira universitária. É doutora em anatomia pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP e professora de graduação e pós-graduação dessa disciplina. Foi presidente da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM); da Aliança Pan-Americana de Médicas (PAMWA); do XXIV Congresso Mundial de Mulheres Médicas da Medical Women's International Association, bem como da Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA).



## Introdução

---

*“Eu admiro todas as mulheres: as sinceras, lindas, loiras, morenas.  
Mas as que mais me fascinam são as que têm garra e coragem.”*  
Adriano Soares, escritor e pensador contemporâneo.

---

Numa época, não muito distante, em que era comum as mulheres se casarem aos 15 anos e serem consideradas idosas aos 25! Numa sociedade em que, para alguns, as mulheres deveriam figuradamente sair de casa apenas três vezes: para serem batizadas, para se casarem e para serem enterradas! Num tempo em que as mulheres eram desencorajadas a estudar ou até mesmo proibidas de cursar o ensino superior e, particularmente, medicina; em que as profissões e entidades então existentes albergavam em seus quadros apenas homens, imperando uma misoginia social dissimulada; quebrar, paulatinamente, esses paradigmas constituía-se não somente atos heroicos ou até mesmo demoníacos, como também, por si mesmos, já demonstravam a têmpera em que essas pioneiras e teimosas mulheres foram forjadas.

Não restam dúvidas de que, dentre tantas virtudes que reuniam, duas deveriam preponderar: obstinação no alcance de seus ideais e a de notório saber em suas atividades, que fizeram com que fossem reconhecidas, admiradas e, hoje, reverenciadas. Aliás, algumas delas foram até admitidas em confrarias de sua contemporaneidade formadas e dirigidas exclusivamente por homens!

Nesse cenário, dentre essas desbravadoras na área da saúde do Brasil, encontram-se sinteticamente a seguir, em ordem cronológica e abrangendo, particularmente, as graduadas no século XIX. Ao final deste breve ensaio há um adendo onde se encontram outras médicas pioneiras, diplomadas no Brasil, particularmente no primeiro quartel de século XX.

Neste contexto, vale a pena aduzir, a título de reflexão, as sábias palavras de Madre Tereza de Calcutá (1910-1997): “Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

*Helio Begliomini*

---

Que este sintético empreendimento possa não somente resgatar, re-  
memorar, homenagear e divulgar essas mulheres de grande valor em sua  
contemporaneidade – que se fizeram história em seu tempo! –, mas também  
servir de inspiração, êmulo e luzeiro a todos que puderem conhecê-las.



*Helio Begliomini*

## No Mundo

---

*“Uma mulher bonita não é aquela de quem se elogiam as pernas ou os braços, mas aquela cuja inteira aparência é de tal beleza que não deixa possibilidades para admirar as partes isoladas.”*

Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)  
advogado, escritor e filósofo romano.

---

A fim de se contextualizar o pioneirismo de mulheres na área da saúde, no Brasil, faz-se mister citar algumas que foram pioneiras e desbravadoras nesse campo, no mundo.



**Hildegarda de Bingen** (1098-1179), também conhecida como Sibila do Reno, era alemã e foi a primeira mulher que escreveu um livro sobre conhecimentos médicos – *“Liber Subtilitatum Diversarum Naturarum Creaturarum”* (Livro das Propriedades – ou Sutilezas – Das Várias Criaturas da Natureza), dividido em *Physica (Liber Simples Medicinæ)* (Física –

**Livro da Medicina Simples**) e *Causae et Curae (Liber Compositae Medicinae)* (**Causas e Curas – Livro da Medicina Complexa**).

**Hildegarda de Bingen** era monja beneditina do Mosteiro de Rupertsberg em Bingen am Rhein. Além de teóloga e pregadora, destacou-se como escritora, poetisa e dramaturga. Grande mística, foi declarada santa e doutora da Igreja Católica.

Ω



**Dorothea Christiane Erxleben** (1715-1762), nascida em Querlimburgo, Alemanha, foi a primeira mulher a se graduar em medicina no mundo (!), feito esse conseguido em 1754, em seu país, na Universidade de Halle-Wittenberg.

**Dorothea Erxleben** teve como inspiração a cientista italiana Laura Maria Caterina Bassi (1711-1778), que foi a primeira mulher a ensinar oficialmente em uma universidade – a Universidade de Bolonha, fundada em 1088, considerada a mais antiga da Europa. Nessa instituição de ensino, Laura Bassi foi nomeada professora de anatomia, em 1731, contando com 20 anos. Foi eleita para a Academia do Instituto de Ciências, em 1732, e no ano seguinte foi-lhe dada a cadeira de filosofia. Ademais, em 1742, publicou um tratado que versava sobre a permissão para a admissão de mulheres na universidade.

Ω



**James Miranda Stuart Barry** (1795-1865, Figura 3), mais conhecido por **James Barry**, nasceu na Irlanda como **Margaret Ann Bulkley**. Na infância foi criada como mulher, entretanto, passou a assumir a identidade masculina, também para poder ser aceita na universidade e, posteriormente, trabalhar como cirurgião, identidade sexual somente revelada após seu falecimento, na autópsia, tornando-se um grande escândalo para a época!

**James Barry** graduou-se em medicina na Universidade de Edimburgo, em 1812, tornando-se a primeira médica inglesa, embora travestindo-se como homem. Era vegetariano e abstêmio. Costumava manter distância de relacionamentos íntimos, mas adorava animais de estimação. Atuou como cirurgião do exército britânico na Batalha de Waterloo (1815), na cidade do Cabo, onde fez a primeira cesariana bem sucedida da África, em que a mãe e o bebê sobreviveram, bem como em outros locais do Império Britânico, galgando um posto equivalente ao de general de brigada.

Ω



**Elizabeth Blackwell** (1821-1910) nasceu em Bristol, no Condado de Gloucester, na Inglaterra. Em 1831, emigrou com sua família para Cincinnati, no estado norte-americano de Ohio. Tinha mais oito irmãos e era abolicionista. Após ter sido recusada por ser mulher, por 12 faculdades de medicina do nordeste estadunidense, diplomou-se em medicina, em 11 de janeiro de 1849, na *Geneva Medical College*, em Nova Iorque, tornando-se a primeira mulher a exercer essa profissão nos Estados Unidos da América (EUA). Curiosamente, sua irmã mais nova Emily Blackell tornou-se a terceira mulher médica estadunidense.

**Elizabeth Blackwell** esteve em Paris, onde trabalhou em maternidade. Ficou cega de seu olho esquerdo em decorrência de pus que lhe espirrou, ao tratar de uma criança. Esteve na Inglaterra, onde conheceu Florence Nightingale (1820-1910), e, ao retornar aos EUA, fundou, em 1853, conjuntamente com sua irmã Emily, o *New York Infirmary for Indigent Women and Children*, que, a partir de 1864, teve seu nome mudado para *Infirmary Medical School*, instituição que foi autorizada a diplomar mulheres médicas.

Em 1869, alguns anos após ter findada a Guerra de Secessão (1861-1865), retornou à Inglaterra onde atou como professora de ginecologia na Escola de Medicina de Londres para Mulheres – uma instituição que ela mesma ajudou a criar e onde permaneceu até a sua aposentadoria, em 1907. É de sua lavra a autobiografia *“Pioneer Work in Opening the Medical Profession to Women”* (1895).

**Elizabeth Blackwell** faleceu em Hasting, na Inglaterra.

Ω



**Florence Nightingale** (1820-1910) nasceu em Florença, Itália. Migrou para a Inglaterra e, em dezembro de 1846, sensibilizou-se com a morte de um mendigo numa enfermaria de Londres, quando passou a defender melhorias no tratamento da saúde.

Teve importante atuação, amenizando o sofrimento dos feridos na Guerra da Crimeia (1853-1856). Aí se tornou conhecida como “A Dama da Lâmpada”, por utilizar uma lamparina, à noite, no atendimento dos feridos. Em outubro de 1854, treinou uma equipe de 38 enfermeiras voluntárias que atuaram em Istambul, Turquia, de onde regressou como heroína, em 1857, sendo a pessoa mais famosa da Inglaterra depois da rainha Vitória (1819-1901). Contraiu, nos campos de batalha, a febre tifoide, dando-lhe restrições físicas, ocasião em que passou a estruturar a Escola de Enfermagem no Hospital *Saint Thomas* – a primeira do mundo (!), concluindo-a em 1859, hoje, fazendo parte do *King’s College de Londres*.

**Florence Nightingale** destacou-se como escritora e foi também pioneira na utilização de métodos de representação visual, tais como gráficos. Em 1883, a rainha Vitória concedeu-lhe a Cruz Vermelha Real e, em 1907, tornou-se a primeira mulher a receber a Ordem do Mérito. É considerada a fundadora da enfermagem moderna. O “Juramento Nightingale” feito pelos novos enfermeiros foi estabelecido em sua honra, bem como o “Dia Internacional da Enfermagem” – 12 de maio, é comemorado no mundo inteiro, exatamente no dia de seu nascimento.

Ω



**Eloísa Díaz Inzunza** (1866-1950), mais conhecida por **Eloísa Díaz**, nasceu em Santiago, Chile. Matriculou-se, em 1880, na Escola de Medicina da Universidade do Chile, logo após a promulgação de uma lei que permitia que as mulheres estudassem no ensino superior. Graduou-se em 27 de novembro de 1886, ocasião em que defendeu a tese *“Breves Observaciones sobre la Aparición de la Pubertad en la Mujer Chilena y las Predisposiciones Patológicas del Sexo”*. Tornou-se a primeira mulher a se diplomar em medicina, na América do Sul!

Contudo, deve-se enfatizar que as primeiras mulheres diplomadas em medicina da América do Sul foram as brasileiras Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) e Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira (1864-?), ambas graduadas, em 1881, no *New York Medical College and Hospital for Women*, nos Estados Unidos da América.

**Eloísa Díaz** trabalhou no Hospital San Borja (1891); atuou como professora e médica na Escola Normal (1889-1897); supervisora de medicina escolar de Santiago (1898) e supervisora de medicina escolar do Chile, ocupando esse cargo por mais de 30 anos! Em 1911, foi nomeada diretora do Serviço Médico Escolar do Chile, onde instituiu o café da manhã nas escolas, vacinação de estudantes, bem como campanhas contra o alcoolismo, raquitismo e tuberculose. Outrossim, fundou diversos jardins da infância e policlínicas destinadas aos menos favorecidos.

Em 1910, **Eloísa Díaz** recebeu o título de “Mulher Ilustre da América”, no Congresso Científico Internacional de Higiene, realizado em Buenos Aires. Aposentou-se em 1925.

Ω



**Cecilia Grierson** (1859-1934), ou simplesmente **Grierson**, nasceu em Buenos Aires. Era neta de escoceses e passou a infância numa casa na província de Entre Ríos. Graduiu-se professora na Escola Normal de Buenos Aires, em 1878.

Lecionou alguns anos numa escola de meninos e decidiu estudar medicina. Devido à enorme dificuldade de acesso ao ensino superior às mulheres, numa das quatro universidades existentes à época, na Argentina, voluntariou-se como assistente do laboratório universitário, e, em 1885, iniciou estágio no Departamento de Saúde Pública. Destacou-se na organização de um serviço de ambulância onde instituiu um alarme, bem como no trabalho que fez durante a epidemia de cólera, em 1886, que lhe rendeu grande reconhecimento.

**Grierson** foi também pioneira em cinesiologia, introduzindo um curso de massagem terapêutica na faculdade de medicina, consignando seus conceitos no livro “**Prática de Massagem**”, muito lido à época. Ingressou, em 1888, no corpo docente do Hospital Rivadavia, graduando-se médica em 1889, ocasião em que apresentou a tese “**Histero-Ovariectomías Efectuadas en el Hospital de Mujeres, desde 1883 a 1889**”. Tornou-se a primeira mulher a obter um diploma de medicina, na Argentina!

Atuou no Hospital de San Roque, hoje, Hospital de Ramos Mejía; ministrou aulas de anatomia na Academia de Belas Artes; fez, graciosamente, consultas psicológicas e de aprendizado para crianças com necessidades especiais, particularmente cegas e surdas-mudas; fundou, em 1890, a Escola de Enfermagem do Hospital Britânico de Buenos Aires, a primeira da Argentina; e, em 1891, fundou outra Escola de Enfermagem, que dirigiu até 1913.

**Grierson** teve intensa vida associativa. Foi cofundadora da Associação Médica Argentina (1891); criadora da Sociedade Argentina de Primeiros Socorros (1892); participou, em 1892, da primeira cesariana realizada na Argentina e fundou a Associação Nacional de Obstetrícia (1901), bem como a Revista Obstétrica; fundou a Sociedade para a Economia Doméstica (1902), renomeada de Escola Técnica para a Gestão da Casa, a primeira no gênero do país; além de ter sido indicada pelo governo argentino como representante em congressos internacionais.

**Grierson** ingressou no Partido Socialista e muito participou do movimento de emancipação das mulheres. Foi vice-presidente do Conselho Internacional de Mulheres (Londres, 1889) e fundou o Conselho Nacional de Mulheres (1900). Depois, participou da criação da Associação de Mulheres Universitárias Argentinas (AMUA, 1904), onde presidiu a 1ª Conferência Internacional da Mulher, assim como presidiu a 1ª Conferência Internacional Feminista da Argentina, organizada pela AMUA, por ocasião do centenário da independência argentina (1910).

**Grierson** era racionalista, anticlerical e não se casou. Foi homenageada por ocasião do jubileu de prata de sua formatura (1914), bem como por ocasião de sua aposentadoria (1916), indo viver em Los Cocos, na província de Córdoba. Aí exerceu a medicina de família, lecionou, inaugurou uma escola rural, assim como uma residência para professores e artistas.

**Cecilia Grierson** faleceu em Buenos Aires. Seu nome foi dado à Escola de Enfermagem que fundou, em 1891, bem como é honrada post-mortem numa rua em Los Cocos; numa rua, no bairro de Puerto Madero, em Buenos Aires, bem como num hospital dessa cidade.

São de sua lavra os livros: *“La Educación del Ciego”*; *“Cuidado del Enfermo”*; *“Primer Tratado Nacional de Enfermería”*; *“Atendimento de Ví-*

timas de Accidentes”; “Educación Técnica de la Mujer”; e “Decadencia del Consejo Nacional de Mujeres de la República Argentina”.

Ω



**Marie Skłodowska Curie** (1867-1934), mais conhecida por **Marie Curie**, teve por nome de solteira Maria Salomea Skłodowska. Nasceu em Varsóvia, Polônia, e nessa cidade estudou na Universidade Floating, onde iniciou seu treino científico. Com 24 anos, em 1891, foi com Bronislawa, sua irmã mais velha, estudar em Paris, naturalizando-se posteriormente francesa, mas sem jamais abdicar de sua nacionalidade polonesa. Em Paris aprimorou-se na ciência, tornando-se a primeira mulher a ser admitida como professora na Universidade de Paris!

**Marie Curie** desenvolveu a teoria da radioatividade, neologismo cunhado por ela; técnicas para isolar isótopos radiativos, bem como descobriu dois elementos: o polônio, termo que criou para homenagear seu país de origem, e o rádio. Sob sua orientação foram conduzidos estudos pioneiros sobre o tratamento de neoplasias com o uso de isótopos radioativos. Ademais, fundou os Institutos Curie de Paris e de Varsóvia, renomados centros de pesquisas.

A família Curie ganhou um total de cinco prêmios Nobel. **Marie Curie** foi a primeira mulher a ser laureada com um prêmio Nobel, e a primeira e única mulher a ganhar tão renomado galardão por duas vezes!!! Em 1903, **Marie Curie** dividiu o prêmio Nobel de Física com o seu marido Pierre Curie (1859-1906) – com quem teve duas filhas –, e com o físico Antoine Henri Becquerel (1852-1908). Ela também foi laureada com o prêmio Nobel de Química em 1911.

**Marie Curie** sem ser médica contribuiu muitíssimo, com seus estudos e descobertas, no desenvolvimento da medicina. Morreu aos 66 anos, em um sanatório em Sancellemoz, na França, por conta de uma leucemia causada pela exposição à radiação ao carregar testes de rádio em seus bolsos durante pesquisas. Em 1995 se tornou a primeira mulher a ser enterrada por seus méritos, no Panteão de Paris.

Ω



**Gerty Theresa Radnitz Cori** (1896-1957), mais conhecida por **Gerty Cori** ou simplesmente **Gerty**, nasceu em Praga, na República Tcheca, então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Era de talentosa família judia. Otto Radnitz, seu pai, era químico e inventou um método mais eficiente no refinamento do açúcar. Martha, sua mãe, era influente culturalmente e amiga do escritor Franz Kafka (1883-1924).

**Gerty** superou, com sua inteligência e esforço, os obstáculos que teve que vencer ao decidir estudar medicina, algo incomum para as mulheres de sua época. Graduou-se na *Karl-Ferdinands-Universität*, em sua cidade natal, em 1920, juntamente com Carl Ferdinand Cori (1896-1984), amigo de turma com quem se casou e teve um filho. Mudaram-se para Viena, onde **Gerty** trabalhou num hospital infantil e seu esposo num laboratório. Nessa época, **Gerty** pesquisava a regulação da temperatura, tratamento da tireoide e doenças sanguíneas, motivo de vários trabalhos publicados.

Seu esposo atuou no exército austríaco, na I Guerra Mundial (1914-1918), época de grande escassez, que a levou à má nutrição e xeroftalmia.

Devido ao antissemitismo reinante emigraram, em 1922, para os Estados Unidos da América (EUA), onde ela continuou suas pesquisas ao lado de seu marido, em Buffalo, naturalizando-se em 1929.

Mesmo nos EUA, **Gerty** foi discriminada por ser mulher e desencorajada pelo seu diretor a continuar seu trabalho. Contudo, sempre apoiada pelo seu marido, continuou suas pesquisas sobre metabolismo de carboidratos, particularmente da glicose e dos hormônios envolvidos. O casal publicou 50 artigos enquanto estava em Buffalo e, em 1929, descreveu uma via metabólica, onde a glicose era metabolizada em ácido lático no tecido muscular – que ficou conhecido como “Ciclo de Cori”, que lhe renderia, anos mais tarde, o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia.

Devido a pressões contra a atuação de **Gerty**, o casal deixou Buffalo. Diversas universidades ofereceram oportunidades a Carl, mas se recusavam a contratar a esposa, fato que ele não aceitava, peremptoriamente. Em 1931, a Universidade de Washington, em Saint Louis, no Missouri, ofereceu trabalho a ambos, mas com salário muitíssimo menor para **Gerty**. Aí se estabeleceram, trabalharam e descobriram, no músculo de sapo, que a conversão do glicogênio em glicose se dava, primeiramente, pela glicose 1-fostato – depois conhecido como “éster de Cori”, reação que ocorria, em sua maior parte, no fígado. Identificaram a enzima fosforilase e **Gerty** também estudou as doenças do armazenamento do glicogênio, identificando quatro delas, cada qual ocasionada por um defeito enzimático próprio. Aliás, **Gerty** foi a primeira a demonstrar que um defeito enzimático pode causar uma doença genética em humanos! Contudo, em decorrência de preconceitos contra a mulher, teve de esperar 13 anos para alcançar o mesmo nível que o marido. Galgou pelos seus méritos, em 1943, a condição de professora associada em pesquisa bioquímica e farmacológica, passando a titular, em 1947, alguns meses antes de ser galar-doada com o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia.

O casal **Gerty** e Carl Cori foi laureado pela descoberta do curso da conversão catalítica do glicogênio. Nesse ano, o Prêmio Nobel foi dividido com o fisiologista argentino Bernardo Houssay (1887-1971), por sua descoberta do papel do hormônio no lobo anterior da pituitária no metabolismo do açúcar.

**Gerty Cori** foi a primeira mulher a receber o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia. Atuou em seu laboratório até o fim de sua vida. Faleceu, em

sua casa, em Saint Louis, aos 61 anos, em decorrência de mielofibrose, cujo diagnóstico houvera sido feito dez anos antes. Cogita-se que sua enfermidade tenha advindo dos estudos que realizou sobre os efeitos dos raios-X no corpo humano, enquanto estava em Buffalo. Seu nome é honrado post-mortem na “Cratera de Cori”, na Lua, e em Vênus.



# *As Primeiras Dez Faculdades de Medicina do Brasil e a Liberação para a Mulher Estudar no Ensino Superior*

No contexto deste ensaio, torna-se oportuno citar as primeiras dez faculdades de medicina, em ordem cronológica quanto ao surgimento no Brasil, bem como a autorização dada à mulher de estudar num curso superior.

1. **Escola de Cirurgia da Bahia**, fundada em 18 de fevereiro de 1808, em Salvador, foi transformada em faculdade após 1832, e, atualmente, denomina-se de **Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia**.

2. **Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro**, fundada em 5 de novembro de 1808, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), foi transformada em faculdade após 1832. Já foi chamada de Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro**.

3. **Faculdade de Medicina de Porto Alegre** (RS), fundada em 25 de junho de 1898, teve seu curso iniciado em 1899, ainda no século XIX. Hoje, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**.

4. **Escola de Medicina de Belo Horizonte** (MG), fundada em 5 de março de 1911, teve seu curso iniciado em 8 de abril de 1912. Atualmente, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais**.

5. **Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro** ou **Faculdade Hahnemanniana**, fundada em 1912, teve seu curso iniciado em 1º de fevereiro de 1913. Posteriormente, passou a ser chamada de Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, hoje, **Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**.

6. **Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, fundada em 19 de dezembro de 1912, teve seu curso iniciado em 2 de abril de 1913. Seu nome foi mudado, em 1925, para Faculdade de Medicina de São Paulo e, desde 1934, para **Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**.

7. **Faculdade de Medicina do Paraná**, fundada em Curitiba aos 28 de outubro de 1913, teve seu curso iniciado em 13 de abril de 1914. Atualmente, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná**.

8. **Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará**, fundada em 9 de janeiro de 1919, teve seu curso iniciado em 1º de maio de 1919. Hoje em dia, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará**.

9. **Faculdade de Medicina do Recife**, fundada em 5 de abril de 1915, teve início de suas atividades somente em 16 de julho de 1920. Atualmente, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco**.

10. **Faculdade Fluminense de Medicina**, fundada em Niteroi (RJ), em 25 de junho de 1925, teve seu curso iniciado em 31 de maio de 1926. Atualmente, denomina-se **Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense**.

Até o último quartel de século XIX, a mulher não podia cursar uma faculdade no Brasil! A propósito, deve-se ressaltar que foi Dom Pedro II (1825-1891)<sup>1</sup> quem assinou o decreto imperial nº 7.247, de 19 de abril de 1879, em vigência a partir de 1881, que tornava proibida a discriminação contra as mulheres de cursar o ensino superior, no Brasil, e de obter títulos acadêmicos dele decorrentes.

---

<sup>1</sup> Dom Pedro II, também reconhecido por “o Magnânimo”, tinha por nome completo: Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga.

## No Brasil

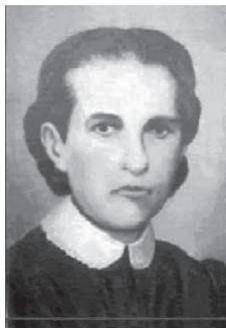
---

*“Deixemos as mulheres bonitas aos homens sem imaginação.”*

Marcel Proust (1871-1922),  
ensaísta, romancista e crítico literário francês.

---

Este capítulo destina-se a elencar, sinteticamente, as notáveis mulheres que atuaram e que fizeram história no Brasil, na área da saúde, no século XIX.



**Anna Justina Ferreira Nery** (1814-1880), mais conhecida por **Anna Nery** ou **Ana Néri**, nasceu em Vila de Cachoeira do Paraguaçu, na Bahia, no dia 13 de dezembro de 1814. Católica praticante, contraiu núpcias aos 23 anos com Isidoro Antônio Nery, capitão-de-fragata da Marinha. Teve três filhos, que criou sozinha, visto que se enviuvou com 29 anos, após a morte do marido em 1843, a bordo do veleiro Três de Maio, no Maranhão.

Seus dois filhos mais velhos, Justiniano de Castro Rebêllo e Isidoro Antônio Nery, dedicaram-se à medicina, e seu caçula, Pedro Antônio Nery Filho, seguiu a carreira militar, estudando como cadete da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Em 1865, o Brasil integrou a Tríplice Aliança, que lutou na Guerra do Paraguai<sup>1</sup>, e seus filhos, bem como seu irmão, o major Maurício Ferreira, foram convocados para lutar no campo de batalha. Entristecida pela separação dos filhos e do irmão, escreveu uma carta em 8 de agosto desse ano, ao presidente da província, oferecendo seus serviços no cuidado dos feridos da Guerra do Paraguai, enquanto durasse o conflito. Aceito seu pedido, **Ana Néri** partiu de Salvador, em 1865, para o Rio Grande do Sul, onde aprendeu noções de enfermagem com as irmãs de caridade de São Vicente de Paulo. Foi incorporada ao 10º Batalhão de Voluntários, ocasião em que contava com 51 anos!

**Ana Néri** começou seu trabalho voluntário nos hospitais de Corrientes, onde havia, aproximadamente, seis mil soldados internados e algumas poucas freiras vicentinas, que trabalhavam na enfermagem. Mais tarde, ajudou os feridos em hospitais de Salto, Humaitá e Assunção. Apesar das precárias condições, falta de higiene e escassez de materiais, **Ana Néri** sobressaiu-se em todos os lugares onde atuou, em consequência de sua dedicação e carinho aos enfermos, além de seu cativante jeito de ser. Conquistou rapidamente a admiração e respeito dos soldados feridos, bem como sua ajuda na organização da enfermaria. Ademais, separava os feridos pelas características de seus ferimentos, diminuindo as contaminações cruzadas, além de organizar banhos, limpeza e troca de lençóis, criando estilo próprio.

Com seus recursos estabeleceu, em Assunção, uma enfermaria modelo, local onde sofreu muita consternação pelo falecimento de seu filho Justiniano.



Regressou ao Brasil no final da guerra, em 1870, ocasião em que trouxe consigo três pequenos órfãos, filhos de soldados desaparecidos nos combates, educando-os como se fossem seus filhos. Foi condecorada com a medalha de prata Geral de Campanha e a medalha Humanitária de Primeira Classe, além de ter recebido do imperador D. Pedro II (1825-1891), por decreto, uma pensão vitalícia. Faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1880, contando com 65 anos.

Carlos Chagas (1879-1934) fundou, em 1923, no Rio de Janeiro, a primeira escola brasileira de enfermagem de alto padrão, que recebeu, em

<sup>1</sup> A Guerra do Paraguai, também conhecida na Argentina e Uruguai por Guerra da Tríplice Aliança, e no Paraguai, por Guerra Grande, foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai, se estendeu de dezembro de 1864 a março de 1870.

1926, o nome de “Escola de Enfermagem Anna Nery”. Dentre inúmeras outras homenagens póstumas recebidas consta um selo comemorativo com seu busto, em 1967, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Em 2009, por intermédio da Lei nº 12.105, tornou-se a primeira mulher a constar no “Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria”, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília (DF).

**Ana Néri** foi para o Brasil a pioneira da enfermagem; a precursora da Cruz Vermelha e a Patrona dos Enfermeiros. Ademais, comemora-se no país a “Semana da Enfermagem”, que se inicia no dia 12 de maio – “Dia Internacional da Enfermagem”, em alusão ao dia e mês de nascimento de Florence Nightingale (1820-1910), a pioneira no tratamento a feridos de guerra – terminando no dia 20 de maio – “Dia do Enfermeiro”, em alusão ao dia e mês de falecimento de **Ana Néri**.

Ω



**Marie Josephine Mathilde Durocher** (1809-1893), mais conhecida por **Madame Durocher**, nasceu em Paris, aos 6 de janeiro de 1809. Desembarcou no Brasil do navio “Dois Amigos”, com sua mãe Anne Durocher, em agosto de 1816, ocasião em que contava com sete anos.

**Marie Durocher** ajudava sua progenitora como balconista, numa loja de fazendas, armarinho e artigos femininos, no centro da cidade do Rio de Janeiro, herdando esse estabelecimento com o falecimento de sua mãe, em novembro de 1829. Casou-se com um comerciante francês, Pedro David, que foi assassinado em julho de 1832. Com ele teve dois filhos, sendo o mais velho chamado Vicente João Francisco.

Naturalizou-se brasileira e por influência de duas parteiras da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro – Madame Piplar e Madame Berghou –, matriculou-se, em 1833, no Curso de Parteiras, instituído nesse ano pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1834, aos 24 anos. Foi a primeira mulher a obter o diploma de parteira no Brasil! Complementou seu aprendizado com aulas particulares ministradas por Joaquim Cândido Soares de Meirelles (1797-1868)<sup>2</sup>, médico da Corte.

Por considerar sua atividade uma profissão masculina, **Madame Durocher** trajava-se com saia longa preta, gravata borboleta, sobrecasaca escura e cartola. São dela estas palavras: *“Eu decidi que estava autorizada, ou melhor, obrigada a servir como um modelo para aqueles que viriam depois de mim. Eu usava um vestuário, que não só era mais confortável, mas que também foi digno e característico daquilo que deveria ser uma parteira. Eu determinava que o meu exterior deveria inspirar uma moral aos meus pacientes do sexo feminino, dando-lhes confiança e distinguindo a parteira das mulheres comuns, e eu não estava enganada”*.

Logo após a sua graduação começou a divulgar seus serviços em jornais. Dominava as técnicas obstétricas mais usadas em sua época, como a aplicação do fórceps, a versão, a embriotomia, além de cuidar de eclampsia e hemorragias, complicações normalmente letais à parturiente ou ao feto. Praticava ainda a reanimação do recém-nascido, restabelecendo-lhe a respiração. Além disso, fazia antedimentos na área ginecológica, cuidava de recém-nascidos e realizava até perícias médico-legais, em casos de atentado ao pudor, defloração, estupro dentre outros. Embora a prática ginecológica fosse proibida a quem não portasse o diploma de médico, justificava seus atendimentos alegando que muitas mulheres preferiam morrer a serem examinadas por homens. Além disso, prestou também serviços durante as epidemias de febre amarela e de cólera que arruinaram a cidade do Rio de Janeiro, respectivamente, em 1850 e em 1855.

**Madame Durocher** atendia em diversos bairros da cidade, independentemente da classe social – mulheres livres e escravas, e até da nobreza. Chegou a ser nomeada, em 1866, parteira da Casa Imperial e partejou o nas-

---

2. Joaquim Cândido Soares de Meirelles foi o idealizador, fundador em 1829, e o primeiro presidente com vários mandatos (1829-1830; 1833; 1835-1838 e 1842-1848) da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, depois denominada Academia Imperial de Medicina e, hoje, Academia Nacional de Medicina. É o patrono da cadeira nº 1 desse augusto sodalício, bem como o patrono do Serviço de Saúde da Marinha do Brasil.

cimento da princesa Leopoldina (1847-1871), filha de Dom Pedro II (1825-1891) com a imperatriz Tereza Cristina (1822-1889).

**Madame Durocher** era favorável ao abolicionismo. Foi a primeira mulher a publicar artigos científicos na área da medicina, no Brasil, bem como a primeira mulher a ingressar na Academia Imperial de Medicina (!), sendo eleita em 17 de abril 1871 e empossada em 8 de maio desse ano, na Secção de Cirurgia. Nesse sodalício apresentou diversas experiências de sua prática clínica, assim como sugestões sobre políticas públicas de saúde. Ademais, participou de comissões e manifestou opiniões sobre o uso de certos medicamentos. Teve 20 artigos científicos publicados na revista desse honorável silego, dentre os quais se destaca: “Considerações Sobre a Clínica Obstétrica”, considerado o mais completo estudo a respeito da prática obstétrica do século XIX, no Brasil.

**Madame Durocher** exerceu seu trabalho com competência e profissionalismo, galgando grande reputação e reconhecimento. Acompanhou aproximadamente cinco mil parturientes em 60 anos de atividade profissional! Morreu com 84 anos, em 25 de dezembro de 1893.

Ω



**Maria Augusta Generoso Estrela** (1860-1946) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de abril de 1860. Seus pais, Maria Luiza e Albino Augusto Generoso Estrela, eram portugueses e lhe deram educação básica no internato do Colégio Brasileiro, assim como a oportunidade de estudar seis meses no Colégio Villa Real, no Funchal, em Portugal, ocasião em que con-

tava com 13 anos. Retornou ao Colégio Brasileiro e foi-lhe amadurecendo a vontade de estudar medicina, desejo que compartilhou com seu pai.

À época, as mulheres não podiam cursar faculdades no Brasil<sup>3</sup>. Partiu, então para Nova Iorque, nos Estados Unidos da América (EUA), em 1875, no navio *South America*. Com 16 anos prestou exame de admissão no *New York Medical College and Hospital for Women*, porém foi-lhe indeferido seu pedido de matrícula, visto a exigência regimental da candidata ser de 18 anos. **Maria Augusta** fez nova petição e novos exames, sendo aprovada com distinção, matriculando-se em 17 de outubro de 1876.

Nesse ínterim, seu pai foi à falência e não tinha condições de mantê-la. Dom Pedro II (1825-1891), ao ficar sabendo que havia uma brasileira com dificuldades de continuar seus estudos em Nova Iorque, assinou um decreto em 1877, concedendo-lhe uma bolsa de estudos.

**Maria Augusta**, apesar de ter concluído seus estudos, teve de esperar dois anos para atingir a maioridade e obter seu diploma, período em que utilizou para fazer diversos estágios em hospitais e cursos de especialização. Seu pai veio a falecer em 1880. Graduou-se, em 1881, com grande distinção, pois não somente recebeu uma medalha de ouro pelo seu desempenho durante o curso, assim como pela sua tese intitulada “**Moléstias da Pele**”, como também teve a honra de ser a oradora da turma! Nesse mesmo ano, fundou com uma colega de faculdade, a pernambucana Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira (1864-?), o jornal “A Mulher”, cuja divisa era “*United we Stand*” (“Unidas Estamos”), sendo veiculado não apenas nos EUA, mas também no Brasil<sup>4</sup>.



<sup>3</sup>. A possibilidade de a mulher fazer um curso universitário no Brasil veio através do decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, em vigência a partir de 1881, assinado por Dom Pedro II. Apesar desse decreto, as mulheres continuaram a sofrer preconceitos e perseguições por parte de colegas e professores por muitos anos.

<sup>4</sup>. Cada fascículo de “A Mulher” continha em média 12 páginas com textos e ilustrações. Ao longo do ano de 1881 foram publicados cinco números desse periódico. Após o retorno de Maria Augusta Generoso Estrela ao Brasil, foi publicado um fascículo em Pernambuco, em fevereiro de 1883.

Em artigo publicado na primeira edição que saiu em janeiro de 1881, as redatoras **Maria Augusta** e Josefa de Oliveira argumentavam que a “mulher é inteligente e digna de grandes cometimentos”. As autoras procuravam provar, “autorizadas pela ciência e pela história, que os homens emitem uma opinião falsa com relação às mulheres ao afirmarem que elas não possuem as mesmas faculdades intelectuais que eles, não possuindo vocação para a Ciência e sendo aptas somente para serem mães e para a cozinha”. As autoras rechaçavam a ideia de que “homens formados em medicina e outras ciências, [cerrassem] as pálpebras à luz da civilização moderna, considerando a mulher um autômato incapaz de pensar, criar e decidir”. Afirmavam, ainda, que “a ciência e a história oferecem provas inconcussas de que têm havido muitas mulheres e que existem ainda muitas, que foram e são superiores a muitos homens científicos e que escreveram trabalhos, que são citados com orgulho por médicos insignes”. As autoras defendiam, assim, que as mulheres tinham as mesmas capacidades (e até mesmo capacidade superior!) aos homens para exercerem atividades científicas, literárias e artísticas. E atentavam para o fato de que o acesso à instrução era a única barreira que impedia as mulheres de estarem a par dos homens – “É verdade que o número das senhoras científicas, literatas e artistas é menor do que o número dos homens; porém, a razão está em que à mulher tem sido sempre negada a instrução superior, ao passo que ao homem se a facilita com profusão, a não ser esta desigualdade na educação por certo que elas estariam a par dos homens”<sup>5</sup>.

Em outro número desse periódico, que era dirigido especialmente aos interesses e direitos da mulher brasileira, elas escreveram o artigo intitulado “A Mulher Médica”, em que defendiam o direito feminino de exercer a medicina.

Dom Pedro II autorizou-a a ficar mais um ano em Nova Iorque e, ao regressar, recepcionou-a e lhe aconselhou a se dedicar às doenças de senhoras. **Maria Augusta** validou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e casou-se, em 1886, com Antonio Costa Moraes, farmacêutico graduado pela Universidade de Leipzig. Desse conúbio teve cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio. Seu marido montou-lhe um consultório, numa sala dos fundos, na farmácia que abriu. Aí, atendeu principalmente mulheres e crianças. Em decorrência do falecimento de seu esposo, em 1904, foi forçada a diminuir o horário de atendimento, a fim de cuidar de sua prole. Contudo, manteve sempre aberta sua sala, onde atendia os casos mais urgentes e fazia suas prescrições.

---

<sup>5</sup> A Mulher – Ano I (nº 1), página 2, 1881.

**Maria Augusta Generoso Estrela** foi a primeira mulher brasileira e sul-americana a se graduar em medicina! Tornou-se exemplo para outras moças que queriam galgar uma universidade. Faleceu subitamente, na sua cidade natal, em 18 de abril de 1946, aos 86 anos. Dentre as homenagens recebidas, encontram-se ruas com seu nome nas cidades de Poços de Caldas (MG) e em Porto Alegre (RS), além de ser a patronesse da cadeira nº 64 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Ω

**Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira** (1846-?) nasceu aos 13 de fevereiro de 1864, em Tejucupapo, conhecido distrito de Goiana, no estado de Pernambuco. Seus estudos lhe proporcionaram bom domínio do português, história e geografia, bem com falava admiravelmente o inglês, francês e o espanhol.

**Josefa Águeda de Oliveira** era filha do advogado Romualdo Alves de Oliveira, que, numa atitude liberal e diferentemente dos padrões da época, pagou os estudos da filha nos Estados Unidos da América (EUA), visto que o acesso a mulheres nos cursos superiores, no Brasil, eram vetados, bem como por ter sido solicitado a Silvino Guilherme de Barros, o barão de Nazaré (1834-?), custeamento dos estudos pelos cofres do Tesouro, requerimento esse que lhe foi indeferido por Malaquias Gonçalves, cirurgião, que presidiu a Sociedade de Medicina de Pernambuco (1892-1894).

**Josefa Águeda de Oliveira** migrou, aos 15 anos, para os EUA, a fim de estudar medicina. Matriculou-se no *New York Medical College and Hospital for Women* e foi colega de turma da carioca Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946). Ambas graduaram-se em 1881<sup>6</sup>, e, nesse mesmo ano, fundaram o jornal “A Mulher”, que era dirigido aos interesses e direitos da mulher brasileira. Em um dos números desse periódico, elas escreveram o artigo intitulado “A Mulher Médica”, em que defenderam o direito feminino de exercer a medicina.

A propósito, **Josefa Águeda de Oliveira** enviou uma carta, em 10 de setembro de 1882, ao “América Ilustrada”, jornal pernambucano, em que

---

<sup>6</sup> Nota: a maioria dos trabalhos pesquisados refere que Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira graduou-se em 1881, contudo, há um artigo que cita sua graduação em 1882.

defendia a importância da educação superior para as mulheres, contra comentários maldosos, surgidos na imprensa brasileira, que descreviam as mulheres formadas como “ébricas e desprovidas de moral”. Ela manifestou sua indignação neste protesto: “*Sou formada em medicina, como tal recebi uma educação superior, e até o presente não desacreditei esta educação que recebi e a posição que ocupo na sociedade*”.

Logo em seguida **Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira** retornou ao Recife, onde atuou. Embora Maria Augusta Generoso Estrela e **Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira** tenham mantido correspondência ativa por cerca de 20 anos, pouco se conhece sobre a trajetória da médica pernambucana. É também de sua autoria o livro **O Dever** (1880).

Ω



**Anna Tourão Machado Falcão** (1862-1940), mais conhecida por **Anna Falcão**, nasceu no engenho em Igarapé-Miri, localizado na mesorregião do nordeste do estado do Pará, aos 28 de abril de 1862. Foram seus pais Antônio Lopes Machado e Andreza Tourão, que tiveram outros filhos mais novos: Maria Tourão Machado e Antônio Lopes Machado Filho.

Em 1882, com 20 anos, **Anna Tourão Machado** partiu para Nova Iorque, acompanhada de seu pai e de sua irmã, a fim de estudar medicina. Concluiu o curso em cinco anos, no *New York Medical College and Hospital for Women*, graduando-se em 19 de abril de 1887, numa classe que tinha dez mulheres. A solenidade aconteceu no *Association Hall* de Nova Iorque, ocasião

em que **Anna Tourão Machado** recebeu uma medalha de ouro de honra ao mérito, aposta ao diploma, pelo seu brilhante desempenho, sendo a primeira aluna de sua turma!

De regresso ao Brasil, inscreveu-se para a revalidação de seu diploma, em 10 de dezembro de 1887, na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo a primeira mulher a fazer o exame de habilitação nessa instituição de ensino. Nessa época conheceu Rita Lobato Velho Lopes (1866-1954), que foi a primeira médica formada no Brasil. Rita Lobato homenageou em sua tese de doutoramento **Anna Tourão Machado**, juntamente com outras três médicas e uma provável estudante, consignando-as como “*minhas simpáticas colegas*”.

A revalidação do diploma demandaria mais dois anos de estudos para **Anna Tourão Machado**, obtendo-a oficialmente em 28 de janeiro de 1892. Nesse período conheceu Emílio Ambrósio Marinho Falcão, estudante pernambucano com quem contraiu núpcias anos depois. Contudo, nesse ínterim, o falecimento de seu pai fê-la interromper seus estudos e retornar a Igarapé-Miri para cuidar de assuntos familiares. Retomou seus estudos na Bahia três anos depois, já casada com Emílio, que, para antecipar seu matrimônio, trocou os estudos de medicina para odontologia, graduando-se cirurgião dentista. Nessa época, **Anna Tourão Machado Falcão**, já com o sobrenome do marido, estava grávida da primeira das cinco filhas que teria. Contornando todos esses percalços, conseguiu concluir seus estudos e revalidou seu diploma, defendendo a tese “**A Ovariectomia e suas Indicações**”.

Em 1891, esteve com seu marido por alguns meses em Quixadá (CE), acompanhando-o em tratamento de saúde. Nessa cidade, atendeu pacientes e se destacou pela dedicação, atenção e ternura com que tratou a todos, particularmente dos pobres, sendo carinhosamente reconhecida, em 22 de junho de 1891, numa homenagem feita pelo vigário da cidade, padre Antonio Alexandrino de Alencar, comparando-a como “*Anjo de bondade que veio derramar o bálsamo da consolação entre a pobreza desvalida*”.

Em 1892, **Anna Falcão** abriu consultório à Rua 13 de Maio, nº 59, em Belém (PA), como “especialista em moléstias das senhoras”, juntamente com seu marido, que instalou seu “gabinete de cirurgia e prótese dentária”. Emílio teve, dentre seus muitos clientes, o famoso compositor Antônio Carlos Gomes (1836-1896), extraindo-lhe um dente, com sucesso, quando ele já estava com câncer na língua e, por isso, ninguém queria atendê-lo. Em retribuição, Carlos Gomes deu-lhe uma fotografia acompanhada de uma carta que lhe escreveu.



Anos depois, Emílio Falcão envolveu-se com a política e se desiludiu. Sofrendo ameaças, arrendou, em 1908, no Acre, o vasto seringal “Aquidabam”, às margens do Rio Acre, para onde a família se mudou, no ano seguinte, viajando no navio “Índio do Brazil”. Nesse local e em condições precárias e rústicas, **Anna Falcão** combateu como pôde doenças como a malária e a gripe espanhola, sendo mãe, médica, enfermeira, parteira e farmacêutica, pois utilizava a flora autóctone para a fabricação de remédios.

Em 1921, com todas as filhas já casadas com comerciantes e advogados, **Anna** e Emílio mudaram-se para Xapuri (AC), que distava seis horas de barco do seringal “Aquidabam”. Aí continuou a exercer a medicina. Seu marido construiu uma casa que denominou “Valcamber”, nome formado em alusão às iniciais de filhas e familiares: **Valdomira** (segunda filha); **Anna**, (mãe); **Lucíola** (quinta filha); **Celina** (primeira filha); **Ambrozina** (quarta filha); **Maria José** (terceira filha); **Bruno** (genro); **Emílio** (pai); e **Rolando** (primeiro neto). Esta casa, hoje em dia, encontra-se tombada.

Em virtude de a filha mais velha, Celina, e a mais nova, Lucíola, ambas casadas com advogados, mudarem-se para São Paulo, motivou seus pais a acompanhá-las. **Anna** e Emílio radicaram-se na cidade litorânea de Santos, onde também atuou como médica, realizando seu último trabalho na profissão – assistência a um parto –, em 1925, quando contava com 63 anos.

Motivada por forte sentimento cívico, doou, por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932, sua aliança e a medalha de ouro aposta em seu diploma – parte e memória do grande sacrifício que fez na conquista do ideal de ser médica!

**Anna Tourão Machado Falcão** faleceu aos 77 anos, em 1940, em São Paulo. Foi a terceira médica brasileira a se diplomar em medicina e a primeira

que exerceu a profissão na Amazônia! Seu nome é honrado *post-mortem* numa escola do Acre.

Ω



**Rita Lobato Velho Lopes** (1866-1954) nasceu prematuramente aos sete meses, em 9 de junho de 1866, na cidade de São Pedro do Rio Grande (RS). Teve por pais Francisco Lobato Lopes, um rico estancieiro e comerciante de charque gaúcho, e Rita Carolina Velho Lopes. Teve mais 13 irmãos e viveu, até os quatro anos, na Fazenda de Santa Isabel, próxima de Pelotas (RS).

Iniciou seus estudos com cinco anos, em 1871, na Fazenda do Areal e, devido à sua esmerada dedicação, finalizou o primário aos nove anos. Em decorrência das atividades paternas, que faziam sua família mudar constantemente, estudou em diversas escolas ao redor de Pelotas. Ainda adolescente iniciou um namoro com um primo distante seu, Antônio Maria Amaro de Freitas, com quem viria a casar anos mais tarde. Esse relacionamento não a esmoreceu de realizar seu sonho de ser médica, que nutria desde a infância e que compartilhara com sua mãe, nessa época. Nem mesmo o falecimento de sua mãe, em decorrência de hemorragia após seu 14º filho, a fez mudar de ideia. Nessa época tinha 17 anos e esse triste episódio foi decisivo na escolha de sua atuação: prometeu a si mesma que tudo faria, a fim de que a história da morte de sua mãe, por complicações no parto, nunca se repetisse em suas mãos.

Na realização de seu sonho, **Rita Lobato** teve grande apoio de seu pai, que se mudou com os filhos para o Rio de Janeiro e, em 1884, a matriculou assim como um de seus irmãos, Antônio, no curso de medicina. Contudo, completou aí apenas o primeiro ano. Devido a pressões que a família sofreu, seu pai mudou-se novamente com a família para Salvador, chegando nessa capital no navio Vapor Ceará. Aí, matriculou-se em 14 de maio de 1885, no

segundo ano da Faculdade de Medicina da Bahia. Encontrou nesse ambiente muita reciprocidade e ternura da parte de seus colegas e professores.

Devido à sua inteligência e grande empenho nos estudos com notas exemplares, conseguiu fazer os seis anos em três, graduando-se aos 21 anos, nessa vetusta instituição de ensino, em 1887, ocasião em que defendeu a tese “**Paralelo entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana**”, num auditório lotado.

Após sua graduação, **Rita Lobato** retornou com seu pai ao Rio Grande do Sul, onde passou a atender, em seu consultório, predominantemente mulheres, pois muitas delas, em decorrência do pudor, se recusavam a ser examinadas por médicos. Casou-se com seu primo Antônio, que a acompanhara a distância, em 18 de julho de 1889, em Jaguarão (RS), na Estância Santa Vitória, adotando doravante o nome de **Rita Lobato Freitas**. Mudou-se para Porto Alegre no ano seguinte, quando nasceu, em 26 de outubro de 1890, sua primeira e única filha Isis Lobato Freitas. Compraram a fazenda Capivari e seu marido, que era advogado, passou a se dedicar aos trabalhos rurais e à mineração.

**Rita Lobato**, que havia sentido a morte de um de seus irmãos, em 1885, vítima de varíola aos 11 anos; de seu irmão mais velho, em 1898, e, meses após, nesse mesmo ano, de seu estimado pai Francisco Lobato, sofreu grande abalo, pois relembra-se de tudo o que ele empreendera para que ela viesse a se graduar médica, bem como que caminhava ao seu lado, todos os dias, até a faculdade; aguardava-a, esperando o fim das aulas sentado em frente à praça da instituição.

Em março de 1910, **Rita Lobato** fez durante cinco meses, em Buenos Aires, estágios em hospitais e estudos de aprimoramento, participando de cursos e palestras, reciclando-se. Regressando ao Brasil e, em memória de sua mãe, começou a atender ricos e pobres das cidades rio-grandenses de Capivari e Rio Pardo, bem como em seus arredores. Em carta deixada por sua mãe à família e lida postumamente, pedia a **Rita Lobato**: “*Minha filha, se fores médica algum dia, praticas sempre a caridade*”.

Logo após o casamento de sua filha, ocorrido em 1925, decidiu encerrar suas atividades médicas. Doou o material cirúrgico que utilizou em seu consultório à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Experimentou novamente a morte, que veio ao seu marido, em 20 de setembro de 1926, um ano após o casamento de sua filha.

**Rita Lobato**, sob influência da bióloga e ativista Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), passou a se dedicar ao movimento feminista pelo direito ao voto,

que galgou sucesso em 1932, quando foi eleita para o Congresso Nacional a médica Carlota Pereira de Queiróz (1892-1982). Ademais, ela foi eleita, em 21 de agosto de 1934, a primeira vereadora de Rio Pardo (RS).

Em 1940, aos 73 anos, foi vítima de acidente vascular cerebral, que a deixou com deficiência auditiva e visual parciais. Mesmo assim, manteve-se lúcida e atenta à política nacional e ativa. **Rita Lobato** veio a falecer em Rio Pardo (RS), na Estância de Capivari, em 6 de janeiro de 1954, aos 87 anos. Foi a primeira médica a se graduar no Brasil, destacando-se também como ativista em prol do engajamento da mulher na política brasileira. Em 1967, os Correios do Brasil fizeram um selo em sua homenagem.



Ademais, é honrada *post-mortem* na “Rua Rita Lobato Velho Lopes”, em Várzea Grande (MT); na “Rua Doutora Rita Lobato”, no bairro Praia de Belas, e no “Edifício Rita Lobato”, ambos em Porto Alegre.

Ω



**Ermelinda Lopes de Vasconcelos** (1866-1952) nasceu em Porto Alegre (RS), em 23 de setembro de 1866. Foram seus pais Joaquim Lopes de Vasconcelos e Firmiana dos Santos. Sua família mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro quando tinha oito anos, tendo em vista o trabalho de seu pai como guardador de livros na Companhia de Navegação Fluvial.

Em 1881, graduou-se na Escola Normal de Niterói, e, posteriormente, após muita insistência, conseguiu que seu pai autorizasse a se matricular, o que fez em 25 de abril de 1884, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1888, ocasião em que defendeu a tese: “**Formas Clínicas das Meningites na Criança: Diagnóstico Diferencial**”, tendo

a honra de ter o imperador Dom Pedro II (1825-1891) como presidente da banca examinadora.

Assim, **Ermelinda Lopes de Vasconcelos** tornou-se a se segunda mulher a se graduar médica no Brasil, e a primeira a se diplomar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sofreu preconceito por ser mulher e médica. Conta-se que Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914), advogado, escritor e historiador, publicou uma crônica intitulada “Machona”, ridicularizando-a e dizendo: “*Esteja certo a doutora que seus pés de machona não pisarão o meu lar*”. Entretanto, por um singular capricho do destino, anos depois, a doutora **Ermelinda Lopes** tinha sido chamada para realizar o parto de sua esposa.

**Ermelinda Lopes** casou-se com o ginecologista e obstetra Alberto de Sá, em 1889. Fez, em 1900, estudos de aperfeiçoamento na França, Inglaterra e Alemanha e dedicou-se, igualmente, à ginecologia e obstetrícia durante sua profícua carreira. Estima-se que realizou mais de dez mil partos!

Até a idade de 84 anos (1950) viveu em Niterói, à Rua Presidente Domiciano, nº 186, em cuja porta havia uma placa com os dizeres: “*Doutora Ermelinda. Operações, Partos, Moléstias das Senhoras e das Crianças*”.

**Ermelinda Lopes de Vasconcelos** faleceu em Niterói, em 1952, aos 86 anos.

Ω



**Antonieta César Dias** (1869-1920) nasceu na cidade de Pelotas (RS), em 1869. Seu pai, Antônio Joaquim Dias, português de Trás-os-Montes e radicado em Pelotas, destacou-se como escritor e jornalista. Ele foi o fundador do “Correio Mercantil”, um dos jornais da época na cidade.

**Antonieta César Dias** iniciou seus estudos em sua cidade natal, mas, em 1884, mudou-se acompanhada de seu pai para o Rio de Janeiro. Nessa

cidade ingressou na Faculdade de Medicina com apenas 15 anos. Graduou-se em 30 de agosto de 1889, ocasião em que defendeu a tese: “**Hemorragia Puerperal**”.

**Antonieta César Dias** foi a terceira médica que se graduou no Brasil, e a segunda na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Faleceu nessa cidade em 1920.

Ω



**Amélia Pedroso Bembem** (1860-?) nasceu em 6 de janeiro de 1860, no sítio Bebida Nova, ao pé da serra do Araripe, em Crato (CE). Era filha do agricultor e grande produtor de rapadura Joaquim Pedroso Bembem e de Umbelina Moreira de Carvalho.

Graduou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1889, ocasião em que defendeu a tese “**Disposições Anormais do Cordão Umbelical**”. Regressou à sua terra onde trabalhou.

**Amélia Pedroso Bembem** casou-se com o cirurgião Julio Perouse Pontes, de ascendência francesa, mudando seu nome para **Amélia Benebién Perouse**. A propósito, “Bembem” era apelido de seu pai, que fora incorporado ao sobrenome da família. “Benebién”, que adotou após o matrimônio, era a junção da palavra latina “bene” e da francesa “bién”. Seu nome é honrado *post-mortem* numa rua na cidade de Fortaleza (CE).

Ω



**Jeanne Françoise Joséphine Marie Rennotte** (1852-1942), mais conhecida por **Marie Rennotte** ou simplesmente **Rennotte**, ou ainda, em sua forma aportuguesada, **Maria Rennotte**, nasceu em Souverain-Wandre, na Bélgica.

Concluiu seu Curso Normal, em Paris, aos 19 de julho de 1874, contando com 22 anos. Obteve referências elogiosas, tendo em vista seu desempenho em música, bem como nas línguas alemã e francesa. Atuou como professora de francês em Mannheim, na Alemanha, durante três anos subsequentes.

Com a finalidade de ser preceptora educacional de crianças, desembarcou no Rio de Janeiro, em maio de 1878, ocasião em que contava com 26 anos. Aí lecionou francês, alemão, desenho e caligrafia no Colégio Werneck. Contudo, era uma professora diferente e à frente do seu tempo, pois, em meados de 1880, defendia ideias progressistas, tais como classes mistas de alunos, bem como o ensino de ciências químicas, biológicas e naturais também para as meninas. Ademais, destacou-se igualmente pela sua sólida formação educacional e por falar vários idiomas, fato pouco comum e muito cobiçado à época.

Em 1882, **Marie Rennotte** mudou-se para a cidade paulista de Piracicaba, tendo em vista sua contratação pelo Colégio Piracicabano, inovador internato feminino. Aí, **Rennotte** lecionou ciências, francês e matemática; formou classes mistas de química e física; criou um museu de história natural e inaugurou uma sociedade literária para suas alunas.

Em 1889, aos 37 anos, retirou-se do Colégio Piracicabano e decidiu estudar medicina, partindo para os Estados Unidos da América (EUA), onde se diplomou após três anos de estudo, no *Woman's Medical College of Pennsylvania*, em 5 de maio de 1892. Contava com 40 anos e já idosa para a época! Após a sua graduação partiu para Paris, onde buscou especializar-se em obstetrícia, neonatologia e ginecologia, trabalhando em renomadas instituições hospitalares, tais como *Hôtel Dieu* e o *Hôpital Saint-Louis*.

Após quase três anos de aprimoramentos, na França, retornou ao Brasil, em 1895, e, em 26 de março desse ano, mediante a tese “**Influência da Educação da Mulher sobre a Medicina Social**”, obteve a revalidação de seu diploma na Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro.

Em 1895, **Marie Rennotte** veio para a cidade de São Paulo onde se radicou. Nesse mesmo ano atuou como parteira e médica interna da Maternidade de São Paulo, onde ascendeu à condição de diretora (1896-1899), paralelamente à sua clínica particular. Em 1906, iniciou seu trabalho na Clínica Cirúrgica da Enfermaria de Mulheres da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Deve-se frisar que **Marie Rennotte** foi a primeira médica a atuar no estado de São Paulo; a primeira mulher a ingressar na augusta Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, ainda no ano de sua fundação, em 1895; a primeira mulher a ingressar, em 4 de maio de 1901, no vetusto Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; a fundadora e primeira presidente da Cruz Vermelha de São Paulo, em 5 de outubro de 1912; a criadora da Escola Prática de Enfermeiras, em 1912; a grande incentivadora da inauguração da Casa do Convalescente e do Hospital de Criança, que foi inaugurado em 1917; a fundadora e presidente da *Société Belge de Bienfaisance* de São Paulo, em 1912; a vice-presidente da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, em 1922; e a organizadora de uma enfermaria improvisada nas dependências do antigo Teatro Colombo, por ocasião da Revolta Paulista de 1924, dentre outros trabalhos.

Ademais, foi membro efetivo da Associação Médica Beneficente de São Paulo; sócia benemérita do Asilo e Creche da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva; e sócia honorária da União Cooperativa Familistariana do Brasil.

**Marie Rennotte** recebeu a Medalha da Cruz do Mérito, concedida pela Alemanha. Permaneceu solteira e faleceu em sua casa, aos 90 anos. Foi uma mulher muito além do seu tempo! Poliglota, destacou-se como professora, médica, escritora, oradora e feminista, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Foi exemplo de competência, determinação, liderança, desprendimento, empreendedorismo, humanismo, altruísmo, civismo e idealismo.

Seu nome é honrado *post-mortem* na “Rua Dra. Marie Rennotte”, no Jardim Vera Cruz, bairro nobre da zona oeste da capital paulista.



**Maria Amélia Cavalcante de Albuquerque** (1854-1934), mais conhecida por **Amélia Cavalcante**, nasceu aos 8 de agosto de 1854, na casa grande do Engenho Dromedário – residência de seus avós maternos – em Sirinhaém, no litoral sul e na Zona da Mata de Pernambuco. Teve por pais João Florentino Cavalcante de Albuquerque e Herundina de Siqueira Cavalcante de Albuquerque. Tinha por parentesco o doutor Aluizio Marquês, seu avô, que foi diretor da Casa de Saúde São Vicente, no Rio de Janeiro, em 1836. Ademais, era bisneta de José Marquês, o primeiro médico negro do Brasil.

**Amélia Cavalcante** concluiu seus estudos básicos em 1877, e expressou à sua família seu desejo de ser médica, pretensão que não foi bem-vinda, haja vista o grande preconceito reinante contra a emancipação da mulher.

Frederico Maia, dentista afamado, e Tobias Barreto de Menezes (1839-1889), filósofo e professor, dois amigos da família, ajudaram-na a realizar seu sonho. Por influência de Tobias de Menezes, conseguiu, após longos e calorosos debates que insuflaram a opinião pública, nos anos de 1878 e 1879, ajuda pecuniária da Assembleia Provincial para se manter nos estudos. No governo provincial do advogado e escritor José Liberato Barroso (1830-1885) foi-lhe liberada uma verba de 1.200\$000 anuais.

**Amélia Cavalcante** graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1892, ocasião em que defendeu a tese: “**Do Eritema Nodoso Palustre**”. Tornou-se a primeira médica pernambucana que se graduou no Brasil. Teve consultório à Rua 1ª de Março, posteriormente, denominada Rua Conde da Boa Vista, em Recife.

Casou-se com Gaspar Florentino Cavalcante, em 23 de setembro de 1897.

**Maria Amélia Cavalcante de Albuquerque** foi uma mulher admirável, humilde, suave e forte. Faleceu em 27 de outubro de 1934, aos 80 anos.

Ω



**Francisca Prager Fróes** (1872-1931) nasceu em Cachoeira, na região metropolitana de Salvador (BA), aos 21 de outubro de 1872. Foram seus pais o imigrante croata de origem judia Henrique Prager e Francisca Rosa Barreto Prager (1836-1906), que foi precursora do feminismo na Bahia, no século XIX, haja vista artigos, cartas e poesias que produziu.

**Francisca Barreto Prager Fróes** recebeu influência de sua mãe e de sua cidade pelo vanguardismo intelectual que reinava. Matriculou-se, aos 16 anos (1888), na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), onde se graduou em 1893.

Em 23 de dezembro de 1893, foi designada para o cargo de parteira da Maternidade da Faculdade de Medicina da Bahia, à época, uma enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Foi a primeira mulher, na Bahia, a dirigir um Serviço de Obstetrícia.

Em 14 de outubro de 1897, mês de seu aniversário, o afamado escritor Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) dedicou-lhe um soneto, escrito no seu álbum, intitulado: “Página Vazia”:

*Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo inda na mente  
Muitas cenas do drama comovente  
Da Guerra despiedada e aterradora,  
Certo não pode ter uma sonora  
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente,  
Que possa figurar dignamente  
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.  
E quando, com fidalga gentileza,  
Cedestes-me esta página, a nobreza  
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes  
Que quem mais tarde nesta folha lesse  
Perguntaria: “Que autor é esse  
De uns versos tão mal feitos e tão triste?!”*

**Francisca Pragner Fróes** casou-se, em 1899, com João Américo Garcez Fróes, colega de faculdade e de tradicional família bahiana, com quem teve dois filhos. Um deles, Garcês Fróes, obteve, por concurso, em 1909, a cátedra de clínica médica e criou a cadeira de doenças infecciosas e parasitárias da FMB.

**Francisca Pragner Fróes** iniciou a publicação de artigos científicos na Gazeta Médica da Bahia, em 1895, relatando um caso clínico de gravidez extrauterina. Até então, esse conceituado periódico não havia consignado um artigo de autoria feminina!

Além de médica, **Francisca Pragner Fróes** destacou-se como defensora dos direitos da mulher, participando arduamente dos debates médicos e políticos relacionados ao papel feminino na sociedade. Foi eleita, em 1931, presidente da União Universitária Feminina, entidade vinculada à Federação Baiana pelo Progresso Feminino, que, por sua vez, era afiliada à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, entidade criada, em 1922, no Rio de Janeiro, pela bióloga Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976).

**Francisca Pragner Fróes** faleceu aos 59 anos, em 16 de novembro de 1931, quando se encontrava no Rio de Janeiro, participando do II Congresso Internacional Feminista. Seu nome é honrado *post-mortem* numa rua no bairro da Barra, em Salvador, bem como é a patronesse da cadeira nº 24 da insigne Academia Brasileira de Médicos Escritores – Abrames.

*Helio Begliomini*

---



## *Sumário das Mulheres Médicas, Graduadas no Século XIX, que Atuaram no Brasil*

<b>Nome, Naturalidade e Tempo de Vida</b>	<b>Faculdade e Ano de Graduação</b>
<b>Maria Augusta Generoso Estrela</b> Natural: Rio de Janeiro – RJ (1860-1946), 86 anos	<i>New York Medical College and Hospital for Women – 1881</i>
<b>Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira</b> Natural: Tejuçupapo – PE (1864-?)	<i>New York Medical College and Hospital for Women – 1881</i>
<b>Anna Tourão Machado Falcão</b> Natural: Igarapé-Miri – PA (1862-1940), 77 anos	<i>New York Medical College and Hospital for Women – 1887</i>
<b>Rita Lobato Velho Lopes</b> Natural: São Pedro do Rio Grande – RS (1866-1954), 87 anos	Faculdade de Medicina da Bahia – 1887
<b>Ermelinda Lopes de Vasconcelos</b> Natural: Porto Alegre – RS (1866-1952), 86 anos	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – 1888
<b>Antonieta César Dias</b> Natural: Pelotas – RS (1869-1920), 51 anos	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – 1889

<b>Amélia Pedrosa Bembem</b> Natural: Crato – CE (1860-?)	Faculdade e Medicina da Bahia – 1889
<b>Ephigênia Veiga</b> Natural: Bahia	Faculdade e Medicina da Bahia – 1890
<b>Jeanne Françoise Joséphine Marie Rennotte</b> Natural: Souverain-Wandre, Bélgica, mas radicada na cidade de São Paulo – SP (1852-1942), 90 anos	<i>Woman's Medical College of Pennsylvania</i> – 1892
<b>Maria Amélia Cavalcante de Albuquerque</b> Natural: Sirinhaém – PE (1854-1934), 80 anos	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – 1892
<b>Glafira Corina de Araújo</b>	Faculdade e Medicina da Bahia – 1892
<b>Francisca Barreto Prager Fróes</b> Natural: Cachoeira – BA (1872 - 1931), 59 anos	Faculdade e Medicina da Bahia – 1893
<b>Laura Amélia de Souza Bahiense</b>	Faculdade e Medicina da Bahia – 1898
<b>Judith Adelaide Maurity Santos</b> Natural: Cantagalo – RJ	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – 1900

## Adendo

---

*“A mulher que se acha inteligente reclama igualdade de direitos com os homens.*

*Mas a mulher que é realmente inteligente não o faz.”*

Sidonie Gabrielle Colette (1873-1954), escritora francesa.

---

Embora não faça parte do escopo desse trabalho, a título de curiosidade, seguem abaixo, outras médicas pioneiras, graduadas, no Brasil, no início do século XX.

**Alice Mäeffer** ingressou, em 1898, na primeira turma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sua terra natal, onde se graduou em 1904. Foi a primeira mulher a se diplomar médica no estado do Rio Grande do Sul. Casou-se com um colega médico, que lhe exigiu dedicação ao lar, e ela assim o fez. Sua trajetória na medicina é desconhecida.

Ω



**Noemy Valle da Rocha** casou-se jovem como era costume da época. Enviuvou-se após dois anos e decidiu realizar seu sonho de ser médica. Para se sustentar na faculdade, ministrava aulas particulares de português, francês, alemão, aritmética, álgebra, geometria, desenho linear e de paisagem, além

de violino, facetas de sua multiforme cultura. Obteve seu diploma em 1917, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e se tornou a segunda médica a se graduar nesse estado. No ano seguinte, atuou no combate à epidemia de gripe espanhola, atendendo graciosamente a população carente da capital. Foi a única mulher médica nessa empreitada.

**Noemy Valle da Rocha** dedicou-se à obstetrícia, mas também se destacou como feminista – na defesa dos direitos das mulheres –, bem como na literatura e como folclorista. Na Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), lutou a favor do voto feminino; pela educação da mulher; e pela proteção à mãe e à família. Ingressou na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS), em 1948, sodalício que presidiu por dois biênios (1955-1956 e 1957-1958). Em 1973, fez de sua casa a sede dessa entidade, ocasião em que passou a morar num internato em São Leopoldo. Deixou três obras: “**Reflexos D’Alma**”, contos inspirados na experiência médica e pesquisa em folclore; “**Conceitos Gerais sobre Folclore**”; e “**Quatro Perfis Literários**”, ensaio bibliográfico sobre mulheres ligadas à ALFRS.

**Noemy Valle da Rocha** divulgou a cultura e o folclore. Atuou como redatora de notícias que foram divulgadas no programa “Sempre Mais Acima, Sempre Mais Além”, veiculado com grande audiência em rádios de diversas cidades do interior do seu estado.

Faleceu em 1978, e foi sepultada no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, deixando uma filha adotiva. Foi homenageada no livro “Casa de Noemy Valle Rocha: História e Memória da ALFRS” (2017), de autoria de Teniza Spinello, obra que revela detalhes de sua vida.

## Ω

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi a primeira escola pública de nível superior do estado a permitir, explicitamente, em seu regulamento, o ingresso de mulheres. Em sua primeira turma, em 1918, graduaram-se duas mulheres: **Delia Ferraz** e **Odette Nora**, que se casaram com colegas de turma.



**Délia Ferraz Fávero** recebeu o sobrenome do marido em virtude do seu matrimônio com Flamínio Fávero (1895-1982), renomado médico legista, que se tornaria professor de medicina legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. **Délia** e Flamínio tiveram quatro filhos: Percy Fávero Schutzer, Zilda Ferraz Fávero, Zélia Ferraz Maranhão e Zeneida Ferraz Fávero Maranhão.



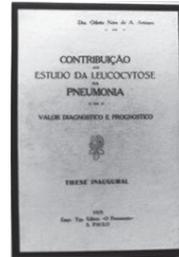
Délia Ferraz, por ocasião de sua graduação, apresentou a tese “**Semiologia da Pupila**”.

Ω



**Odette Nora de Azevedo Antunes** casou-se com o médico Altino Augusto Azevedo Antunes (1895-1951), que atuou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e foi catedrático de anatomia patológica da Faculdade de Medicina Veterinária.

**Odette Nora**, por ocasião de sua graduação, apresentou a tese “**Contribuição ao Estudo da Leucocitose na Pneumonia – Valor Diagnóstico e Prognóstico**”.



Ω



**Maria Falce de Macedo** (1897-1972) nasceu em Curitiba (PR), aos 15 de janeiro de 1897. Era filha de Pedro e Philomena Macedo. Ingressou, em 1914, na primeira turma da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, diplomando-se em 12 de dezembro de 1919.

Aos 72 anos de idade, deu uma entrevista na revista Manchete e, ao lembrar o período em que passou na faculdade, disse: “*Foi um horror! As moças não falavam comigo, porque era feio o que eu fazia, pois, na época, não se aceitava mulher junto com homem nas salas de aula*”.

Casou-se, em 12 de fevereiro de 1921, aos 24 anos, com um dos seus 14 colegas de faculdade, José Pereira de Macedo, com quem teve o filho Diogo.

**Maria Falce de Macedo** desafiou os costumes da então conservadora Curitiba, mas não abriu consultório, pois sabia que, pelo preconceito, não teria clientes. Em consequência, decidiu trabalhar num laboratório de análises. Aliás, fundou, em 1922, o primeiro Laboratório de Análises Clínicas de Curitiba e do Paraná!

Em 1923, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se aprimorou no estudo de bacteriologia e zoologia médica, no Instituto Oswaldo Cruz, renomado centro de pesquisa da medicina brasileira. Fez também estágio em Belo Horizonte.

Regressando a Curitiba dedicou-se também à carreira universitária, assumindo, em 1925, a regência da disciplina de química médica, e, em 1929, conquistou, mediante concurso de provas e títulos, a cátedra dessa disciplina, tornando-se a primeira professora de ensino superior do Brasil! Ainda nessa época o preconceito era grande contra a mulher, um verdadeiro escândalo. São suas palavras de como os machistas a tratavam: “*Era só o que faltava: mulher ensinando medicina!*”.

**Maria Falce de Macedo** e outras estudantes de medicina muito lutaram pela fundação da Casa da Estudante Universitária de Curitiba – Ceuc, ideal concretizado em 21 de agosto de 1954.

Encerrou suas atividades acadêmicas como professora em 1950, mas continuou ativa na Universidade Federal do Paraná até 1968, quando se aposentou compulsoriamente. Apesar das adversidades e preconceitos que enfrentou produziu vários trabalhos, fez publicações e, como recompensa de uma vida frutuosa, dedicada ao ensino, recebeu diversas homenagens e condecorações.

**Maria Falce de Macedo** faleceu em 24 de abril de 1972, aos 75 anos. Foi a primeira mulher médica graduada no Paraná. Seu nome é honrado *post-mortem* numa rua, no bairro de Ahú, em Curitiba.

Ω



**Alzira Nogueira Reis** (1886-1970), mais conhecida por **Alzira Reis**, nasceu em 8 de novembro de 1886, em Minas Novas (MG). Foram seus pais Augusta Pinheiro Nogueira e José da Costa Reis.

Formou-se professora aos 16 anos e lecionou, inicialmente, em Santa Cruz da Chapada, deslocando-se posteriormente para Minas Novas, Ouro Preto e, por último, Juiz de Fora, onde sentiu despertar a vocação para a medicina.

Mudou-se para Belo Horizonte, onde se graduou, em 1919, na terceira turma da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, tornando-se a primeira mulher médica mineira.

Por ter ideias libertárias e ousar “querer fazer coisas de homem”, sua mãe não lhe dirigiu a palavra por cerca de seis meses. Contudo, não foi só esse entrave que teve. Anos mais tarde, lembraria que, “já matriculada no primeiro ano de medicina, foi chamada pelo diretor, que tentou de todas as formas, sem sucesso, convencê-la a continuar na Faculdade de Farmácia, de onde havia se transferido”. A insistência do diretor transmitia a preocupação de toda a direção: “como poderia uma mulher entrar em contato com cadáveres masculinos e nus nas aulas de anatomia?”. Chegou até a receber a garantia de que, caso cedesse, lecionaria química na faculdade ao se formar! Contudo, a vocação e o espírito de luta pelos direitos femininos falaram mais altos e prosseguiu firme em sua decisão, enfrentando preconceitos de muitos dos colegas e professores, bem como, da sociedade.

**Alzira Reis** teve uma vida marcada pelo pioneirismo e pela luta em prol das causas femininas. Aliás, ainda em 1905, ela e as amigas Cândida Maria

Souza e Clotilde de Oliveira alistaram-se como eleitoras invocando a Constituição. Pioneiras, causaram grande escândalo e revolta, sobretudo na própria cidade, e, seis anos depois, tiveram os votos cassados, como registrado nos Anais da Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

Defendia suas opiniões, gostos e valores, o que muito incomodava a sociedade da época. Certa feita, numa visita que fez ao Rio de Janeiro, cortou seus cabelos de forma inabitual e, ao regressar a Minas Gerais, causou grande perplexidade!

**Alzira Reis** conheceu Joaquim Vieira Ferreira Neto, estudante de direito, enquanto cursava medicina. Casaram-se e tiveram quatro filhos: Fernanda, José Bento, Joaquim Miguel e Vicente. Aliás, esse matrimônio também gerou escândalo, visto que seu marido tinha 18 anos e ela contava com 33, além de ser médica, profissão à época masculina!

O casal morou em Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, e nas cidades mineiras de Minas Novas, Araçuaí e Teófilo Otoni. Retornaram ao Rio de Janeiro em 1930, estabelecendo-se em Niterói, onde seu marido faleceu em 1961. Em todos esses municípios **Alzira Reis** clinicou. A preocupação com os menos favorecidos levou-a a fundar e a presidir, em 1939, ao lado de Alice de Toledo Ribas Tibiriçá (1886-1950), ativista política e feminista, a Sociedade Fluminense de Assistência aos Lázaros e o Preventório Vista Alegre, em Itaboraí (RJ), destinado aos filhos sadios de portadores de hanseníase, entidade na qual atuou voluntariamente como administradora.

Ademais, seu envolvimento com a luta feminina fê-la se aliar, em 1931, com Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), bióloga, feminista e política, participando da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em defesa do direito do voto da mulher, além de ter concorrido à Assembleia Constituinte. Aliás, um ano antes, em 1930, com o pseudônimo “Selva Americana”, havia escrito o artigo “Pelo Voto”, que foi publicado em Teófilo Otoni (MG). A propósito, sua participação na imprensa, na defesa de suas ideias, foi intensa. Publicou artigos nos seguintes jornais: “O Mucuri”, “O Nordeste Mineiro” e “Tribuna Feminina”, os três de Teófilo Otoni; “Diário da Noite”, de Ouro Preto; “O Fluminense”, de Niterói; e Revista Feminina, de São Paulo. Além disso, publicou diversos poemas e, no término dos anos de 1960, veio a lume seu romance “**Amores na Guerra e na Paz**”.

**Alzira Reis** faleceu em 21 de agosto de 1970, com 83 anos. Seu nome é honrado *post-mortem* na Maternidade Municipal Alzira Reis, em Niterói, inaugurada em 2004, no bairro Charitas.

Ω



**Carmen Escobar Pires** (1898-1984) foi a terceira mulher a ser formada, em 1920, na terceira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Nasceu aos 9 de setembro de 1898, na cidade de Santa Rita do Passa Quatro (SP).

Interessada por maiores conhecimentos empreendeu viagem de estudos à Europa, aprimorando-se em Paris. Especializou-se em cirurgia obstétrica.

Retornando ao Brasil dedicou-se também à carreira universitária, sendo professora de medicina ao longo de sua carreira profissional. Teve grande atuação científica. Não se encontravam textos de mulheres médicas na revista *Gazeta Médica da Bahia* até 1927, quando **Carmen Escobar Pires** publicou o artigo intitulado “Sobre um Caso de Síncope Anestésica – Injeção Intracardíaca de Adrenalina – Cura”.

Outrossim, são de sua lavra as monografias: “**Contribuição ao Tratamento dos Acidentes da Gravidez Tubária**” (1928, 31 páginas); “**Corioepitelioma Primitivo da Trompa**” (1938, 16 páginas) e “**Tumor Hipernefroide do Ovário**” (1951, 16 páginas, em coautoria com Altino

Antunes e Carlos Ribeiro Macedo); assim como os artigos “Arrenoblastoma do Ovário” (1938); “Arrenoblastoma: Evolução de um Caso Durante 12 Anos: Refeminização e Posteriormente Gravidez e Parto Normais” (1944); e “Estroma do Ovário” (1945).

**Carmen Escobar Pires** era membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Ingressou, com apenas oito anos de exercício profissional, como membro titular da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de junho de 1928, permanecendo nesse sodalício por 55 anos (!). Teve a honra de ser a primeira mulher presidente, sendo precedida nessa função por 48 expoentes da medicina paulista. Exerceu seu mandato entre 1951-1952. Outrossim, constituiu-se na primeira mulher a presidir uma entidade médica no Brasil!

**Carmen Escobar Pires** não se casou, tampouco deixou descendentes. Faleceu em 10 de fevereiro de 1984, aos 85 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério dos Protestantes, fundado em 1858 e localizado à Rua Sergipe, nº 177, no bairro de Higienópolis. Seu nome é honrado como patronesse da cadeira nº 112 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Ω



**Carlota Pereira de Queiroz** (1892-1982) nasceu em 13 de fevereiro de 1892, na cidade de São Paulo, sendo seus pais José Pereira de Queiroz e Maria V. de Azevedo Pereira. Era proveniente de uma família abastada de fazendeiros pelo lado paterno e de uma família de políticos pelo lado materno.

Entretanto, não se caracterizou pelos seus ascendentes, mas sim, pelo fato de ter sido uma mulher de vanguarda para o seu tempo, não aceitando as limitações infligidas pela sociedade.

Destacou-se como aluna e formou-se professora em 1920, trabalhando desde cedo como inspetora de diversos educandários. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mas, no início dos anos de 1920, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou, em 1926, com a tese “**Estudos sobre o Câncer**”, monografia galardoada com o Prêmio Miguel Couto.

Dentre os lentes que lhe ensinaram consta a figura proeminente de Miguel Couto. Foi interna da 3ª cadeira de clínica médica e chefe do laboratório de clínica pediátrica, em 1928, como assistente do professor Pinheiro Cintra. Fundou e dirigiu clínicas pediátricas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Em 1929 foi comissionada pelo governo paulista para estudar dietética infantil em centros médicos da Europa. Esteve na Suíça, França e Alemanha fazendo cursos de aperfeiçoamento e trabalhando com médicos célebres como Widal, Abrami, Aubertin, Sergent, Roussy, Umber, Pende e Artmann, dentre outros.

Respeitadíssima, teve notável atuação durante a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o estado de São Paulo rebelou-se contra o governo provisório de Getúlio Vargas. Junto com a Cruz Vermelha Paulista organizou um grupo de 700 mulheres no “Departamento de Assistência aos Feridos”, além de dirigir a “Oficina de Costura”, trabalhos que, além de lhe terem despertado para a vida pública, deram-lhe visibilidade e garantias de uma vaga na Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Em novembro de 1932 fez parte da comissão que foi ao Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, para buscar os últimos prisioneiros constitucionalistas que ainda estavam internados.

**Carlota Pereira de Queiroz** foi a primeira deputada federal da história do Brasil (!), eleita pelo estado de São Paulo, no sufrágio de 3 de maio em 1933, para uma das 254 cadeiras da Câmara dos Deputados à Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Fez a voz e os anseios femininos serem ouvidos no Congresso Nacional, participando da Constituinte que substituiu a Constituição da República Velha.

Como parlamentar e com o seu conhecimento, lutou pela defesa da mulher; pelo fim da miséria e pelos direitos das crianças, sobretudo as abandonadas, trabalhando por melhorias educacionais. Criou o primeiro projeto sobre serviços sociais no Brasil. Na Constituinte, integrou a Comissão de Saúde e Educação, trabalhando pela alfabetização e assistência social. Foi também responsável pela emenda que viabilizou a criação da Casa do Jornaleiro e a criação do laboratório de biologia infantil. Essa iniciativa redundou no primeiro decreto brasileiro que obrigava a destinação de verbas públicas para o atendimento da miséria e de todos os problemas dela derivados. Propôs também a emenda de se institucionalizar o juramento à bandeira para jovens de ambos os sexos. Reivindicou sempre a confiança do país na capacidade da mulher brasileira.

Dinâmica e culta, **Carlota Pereira de Queiroz** publicou ainda diversos artigos, advogando igualdade social e melhoria no tratamento da mulher brasileira. Após a promulgação da nova Carta Magna, em 1934, elegeu-se novamente para um mandato que exerceu até novembro de 1937, ocasião em que foi instaurado o Estado Novo (1937-1945), em consequência do golpe dado pelo presidente Getúlio Vargas que fechou o Congresso Nacional. Tentou de balde ser reeleita pela União Democrática Nacional (UDN) nas décadas de 1950 e 1960.

**Carlota Pereira de Queiroz** sempre exerceu sua profissão. Ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de abril de 1941. Pertenceu também à *Association Française pour l'Étude du Cancer*, Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires, e se tornou a primeira médica honorária da Academia Nacional de Medicina, ingressando nesse sodalício em 5 de julho de 1942. Em 1950, fundou a Associação Brasileira de Mulheres Médicas, entidade que presidiu (1961-1965).

Destacou-se também como escritora e historiadora publicando as seguintes obras: **Um Fazendeiro Paulista no século XIX** (1965, 205 páginas) e **Vida e Morte de um Capitão-Mor** (1969, 376 páginas).

**Carlota Pereira de Queiroz** faleceu em 14 de abril de 1982, em sua cidade natal, aos 90 anos. É honrada como patronesse da cadeira nº 71 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. É também homenageada na pauliceia

com um monumento na Praça Califórnia, no bairro de Pinheiros, Zona Oeste, além de dar nome a uma avenida no distrito de Socorro, localizado na Zona Sul, e a uma Escola Municipal de Educação Infantil (Emei), no distrito Cidade Tiradentes, na Zona Leste. É também honrada com uma rua no bairro Cajuru, na cidade de Curitiba (PR).

Ω



**Olga Maria Paes de Andrade** (1899-1978) foi a primeira mulher que se formou em medicina na amazônia. Nascida em 1899, graduou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 31 de dezembro de 1928. Dedicou-se à obstetrícia e teve grande clientela, sendo muito requisitada. Faleceu em 1978.

É homenageada no Museu Virtual de Curuçá, cidade do Pará, pertencente à mesorregião do Marajó e sede da microrregião de Salgado.

Ω

A Faculdade de Medicina do Recife graduou as primeiras médicas, em 21 de dezembro de 1934, que foram as paraibanas **Eudésia de Carvalho Vieira** (1894-1981), natural de Livramento, e **Neusa Vinagre de Andrade**, de João Pessoa, antiga Paraíba do Norte. Em 1935, concluíram o curso nessa escola mais duas médicas: **Aracilda Benthemuller Medeiros**, também paraibana, e **Isaura Lemos Mesquita**, pernambucana.



## Referências

1. Alves, Crécio. Medicina e Mulheres. Revista de Ciências Médicas e Biológicas – Salvador, 17 – nº 1 (janeiro-abril): 3-8, 2018.
2. Begliomini, H. Francisca Pragner Fróes. *In: Imortais da Abrames. Expressão e Arte Gráfica.* São Paulo, 2010, páginas 313-315.
3. Begliomini, H. Carmen Escobar Pires. *In: Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência. Expressão e Arte Gráfica.* São Paulo, 2015, páginas 217-220.
4. Begliomini, H. Marie Rennotte – Professora, Feminista, Médica, Humanista e Empreendedora – Primeira Mulher a Ingressar na Academia de Medicina de São Paulo! *Expressão e Arte Gráfica.* São Paulo, 2021 (no prelo).
5. Costa, Priscila Trarbach. Refletindo sobre as Contribuições do Periódico A Mulher para as Discussões Acerca da Instrução Feminina no Século XIX. Reunião Científica Regional da Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. XI Anped Sul, 24 a 27 de julho de 2016. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. [http://www.anped-sul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1\\_PRISCILA-TRARBACH-COSTA.pdf](http://www.anped-sul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1_PRISCILA-TRARBACH-COSTA.pdf).
6. Franco, Talita; Santos, Elizabeth Comes dos. Mulheres e Cirurgiãs. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, 37 – nº 1 (janeiro-fevereiro), 2010.
7. Guimarães, Mário V. As Pioneiras da Medicina no Brasil e Pernambuco. Sociedade Brasileira de História da Medicina. [https://sbhm.webnode.com.br/news/as-pioneiras-da-medicina-no-brasil-e-pernambuco/22 de junho de 2011](https://sbhm.webnode.com.br/news/as-pioneiras-da-medicina-no-brasil-e-pernambuco/22-de-junho-de-2011).
8. Guimarães, Mário V. José Águeda, uma Heroína de Tejucupapo. Jornal do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco – Cremepe, janeiro 15, 2010. <http://www.cremepe.org.br/2010/01/15/josefa-agueda-uma-heroína-de-tejucupapo/>

9. Miranda, Aristóteles Guilliod de; Abreu Júnior, José Maria de Castro. Anna Turan Machado Falcão (1862-1940): A Pioneira Médica Esquecida da Amazônia. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 3 (1): 11-17, 2012.
10. Piccinini, Walmor J. Mulheres na Medicina e na Psiquiatria Brasileira (Primeira Parte). *Psichiatry on Line Brasil* – volume 7 (nº 11), novembro de 2002. <http://www.polbr.med.br/ano02/wal1102.php>
11. Rago, Elisabeth Juliska. A Ruptura do Mundo Masculino da Medicina: Médicas Brasileiras no Século XIX. *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero – Unicamp* (15):199-225. 2000.
12. Rago, Elisabeth Juliska. *Outras Falas – Feminismo e Medicina da Bahia (1836-1931)*. Fapesp e Annablume Editora. São Paulo, 2007.
13. Zahar, Jorge; Schumacher, Schuma; Brazil, Érico Vital (editores). Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira. In: *Dicionário de Mulheres do Brasil – De 1500 até a Atualidade*. Rio de Janeiro, 2ª edição, 2000, páginas 296-297.

## Dados do Autor



---

*“Ut in omnibus glorificetur Deus.”*

Para que em tudo Deus seja glorificado.

Regra de São Bento, 480-543.

---

Helio Begliomini nasceu em 21 de março de 1955, na cidade de São Paulo. É filho de Alfio Begliomini e Olga Begliomini. Tem dois irmãos mais novos, Pedro e Silvana. É casado com Aida Lúcia Pullin Dal Sasso Begliomini; tem três filhos: Enrico, administrador; Bruno, médico; e Giovanna, publicitária; e seis netos: Lorenzo, Paola, Antonella, Valentino, Fiorella e Catarina.

Cursou o primeiro grau no Ginásio Santa Gema das Irmãs Passionistas (1962-1969) e o segundo grau, respectivamente, na Escola Estadual Jardim França – “Professora Amenaide Braga de Queiroz” (1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> anos, 1970-1971), e na Escola Estadual Albino César (3<sup>o</sup> ano, 1972). Graduou-se médico, em 1978, pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), e exerce sua profissão, desde essa época, na cidade de São Paulo.

Como aluno, participou de Projeto Rondon médico-assistencial na cidade de Itu (SP, 1974) e foi monitor das seguintes disciplinas: fisiologia (março 1975 a junho 1977); clínica médica (março 1976 a julho 1977) e urologia (março a junho de 1978). Ainda na condição de acadêmico, foi um dos dois fundadores da revista científica **Perspectivas** Médicas, órgão oficial daquela instituição de ensino até hoje em circulação. Em 1976 ocupou o cargo de vice-diretor (editor-associado) e, no ano seguinte, de diretor (editor), respectivamente, como quarto e quintanista.

De 1979 a 1982 especializou-se em urologia no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo – Francisco Morato de Oliveira (HSPE-FMO),

cumprindo um ano em cirurgia geral e dois em urologia. Fez também, no período noturno (1979-1980), uma segunda especialização em medicina do trabalho pela Fundacentro – Fundação Jorge Duprat de Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho. Após a conclusão da residência em urologia, serviu durante um ano como oficial o Exército Brasileiro, designado para o Hospital Geral de São Paulo e obtendo a patente de 1º tenente médico.

Realizou programa de pós-graduação durante 2,5 anos no Serviço de Urologia do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM – Unifesp), apresentando a tese **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo**, que lhe conferiu o título de “mestre em urologia”, no ano de 1984.

No início de 1986, cumpriu estágio profissional e cultural na Austrália, obtido por concurso através de bolsa de estudos da *Rotary Foundation*. Foi o único médico, dos cinco profissionais brasileiros selecionados, que integrou o *Group Study Exange* naquela ocasião.

Conquistou o 1º lugar no concurso para assistente do Serviço de Urologia do HSPE-FMO, em 1986, sendo médico dessa renomada instituição de ensino desde então, e onde também exerce a chefia do Departamento de Litíase Urinária e Endourologia, desde 1990. Pelos serviços prestados, em março de 2019, foi homenageado como paraninfo dos residentes que concluíram a formação na especialidade.

Helio Begliomini tornou-se membro de 53 entidades, das quais se destacam: Sociedade Brasileira de Urologia, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Nacional de Medicina, *International College of Surgeons*, *International Society of Urologic Endoscopy*, *Confederación Americana de Urología*, *International Society for Impotence Research*, Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual, *Société Internationale D’Urologie*, *Federación Latinoamericana de Cirugía*, Sindicato dos Médicos de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina (sócio fundador), União Brasileira Contra as Doenças Venéreas, Associação Brasileira de Educação Médica, Associação Médica do Instituto de Assistência do Hospital do Servidor Público Estadual, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, Associação Brasileira dos Docentes de **Ética** Médica, Sociedade Médica Ítalo-Brasileira, Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina de Jundiá (sócio fundador), Centro de Estudos de Urologia do Hospital do Servidor

Público do Estado de São Paulo (membro fundador), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas e Rotary Club de São Paulo Tremembé.

Ingressou, em 1986, com apenas 31 anos, como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, e, desde 2002, é membro emérito dessa insigne e secular instituição paulista. Tornou-se também membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em 2020.

Foi condecorado 64 vezes pelas seguintes entidades: Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1986); Academia de Medicina de São Paulo (1986 e 1995); Academia Brasileira de Médicos Escritores (1989, 1997, 2001, 2003, três vezes em 2005; duas vezes em 2006; uma em 2008; três vezes em 2009; duas em 2010; duas em 2013; uma em 2014; uma em 2015; quatro em 2016; três vezes em 2017, por ocasião do 30º aniversário do sodalício; uma em 2019); Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas (1992 e 1996); Sociedade Brasileira de Educação e Integração (1992); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Nacional (duas vezes em 1994; uma em 2001, 2002, 2003 e 2004; duas vezes em 2010 e uma em 2012); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (três vezes em 1995 e uma em 1996); Associação Paulista de Medicina (duas vezes em 1998); Academia Cristã de Letras (2000); Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Minas Gerais (2006); Ordem Nacional dos Escritores (2006); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (duas vezes em 2007); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2008; duas vezes em 2009; uma em 2010, 2011, 2012 e 2013); *Rotary International* (EUA, *Paul Harris Fellow*, 2010); e Academia Brasileira de Medalhística Militar (2012).

Como profissional, Helio Begliomini recebeu dez prêmios: Jornal Brasileiro de Medicina – 1º lugar, em 1986, com o trabalho **Avaliação do Material Promocional Farmacêutico Fornecido à Classe Médica**; Academia de Medicina de São Paulo – Menções Honrosas em 1988 e 1995; Associação Paulista de Medicina – Prêmio Felipe Baeta Neves (Urologia) em 1994, com o trabalho **Avaliação Metabólica de 190 Pacientes com Litíase Urinária**; Associação Paulista de Medicina – Prêmio José Almeida Camargo (Cultura Geral) em 1995, 1996, 1998 e 2003, respectivamente, com os seguintes trabalhos: **Contribuição à História da Endoscopia Urológica** (1995); **Tributo ao Saber Urológico. Origem e Trajetória** (1996); **Contribuição à História da Sociedade Brasileira de Urologia** (1998) e **Juscelino Kubitschek de Oliveira: Médico, Literato e Presidente da República. O Urologista-Cidadão Mais Famoso do Mundo!** (2003); Associação Paulista de Medicina – Honra ao Mérito pela contribuição prestada

ao engrandecimento da urologia paulista, em 1997; Prêmio Nacional de Casos Clínicos Omnic da Eurofarma, em 2000, recebendo duas estadias em Buenos Aires – Argentina, com o trabalho **Carcinoma In Situ Multifocal do Pênis**.

De 1982 a 1988 prestou serviços de assessor médico a três indústrias farmacêuticas multinacionais, contribuindo para o estudo de 75 produtos novos para o mercado brasileiro. Nesse período foi coeditor do Boletim Científico da Associação Brasileira de Médicos Assessores da Indústria Farmacêutica (Abmaif, 1984-1986) e membro do Conselho Assessor Científico do Jornal de Medicina Diagnóstica (agosto 1986 a março 1987).

Helio Begliomini foi um dos idealizadores e diretor clínico do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi) por 31,5 anos (!), desde a sua fundação, em março de 1988, até setembro de 2019. Além desse centro médico, onde tem feito seu consultório desde a sua inauguração, também tem atuado em consultório, no bairro do Imirim, desde dezembro de 1979. Entre os vários hospitais em que já atuou ou tem atuado mais amiúde, encontram-se: Hospital 9 de Julho, Hospital Santa Catarina, Hospital São Camilo – Santana (Dom Silvério Gomes Pimenta), Hospital Nossa Senhora de Lourdes, Hospital San Paolo (Hospital e Maternidade Voluntários), Hospital e Maternidade São José, Hospital Bandeirantes, Hospital Santa Paula e Hospital Presidente. Colaborou, voluntariamente, como médico, com o Abrigo de Velhinhos Frederico Ozanan (1987-1995) e com doações (2000-2015) para a Fundação Gol de Letra, ambas instituições beneficentes localizadas na Zona Norte da cidade de São Paulo.

Desde acadêmico tem se atualizado em mais de 730 encontros profissionais distribuídos entre cursos, jornadas, fóruns, simpósios e congressos, e esteve na comissão organizadora de outros 24 eventos.

Helio Begliomini publicou 203 trabalhos científicos em revistas especializadas de circulação nacional e internacional; 413 capítulos em livros, assim como 835 artigos literários em diversos periódicos relacionados à medicina e mesmo fora dela. Elaborou 88 comentários editoriais concernentes a artigos científicos. Historiógrafo e memorialista, escreveu 705 biografias e 183 ementas biográficas, resgatando e divulgando a vida e a obra de ilustres personalidades, em sua maioria de descendentes de Hipócrates. Apresentou 236 trabalhos em congressos nas modalidades de temas livres, pôsteres e vídeos, e atuou em 140 mesas-redondas ou como conferencista. Teve seu nome como referência em mais de 1.690 citações médico-científicas e lítero-culturais.

Ao longo de sua vida tem exercido mais de 180 cargos e funções, sendo a imensa maioria de forma graciosa e desprendida. Destacam-se dentre eles: membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urologia (JBU, 1990-1997); urologista-perito convocado pelo Saúde Bradesco (1992); urologista-perito convocado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) por indicação da SBU – SP (1992 e 1999); membro do comitê editorial do Boletim da Urologia – órgão oficial da SBU Nacional (1992-1993 e 1998-1999); membro da Câmara Técnica de Urologia do Cremesp (1994-1996 e 1999-2003); revisor de artigos urológicos para a revista da Associação Médica Brasileira (1995); editor-associado da revista Urologia Contemporânea (1999); membro do corpo de revisores de artigos do JBU (1995-1998); editor (1996-1997), membro do conselho editorial (2016-2017) e editor associado (2020-2021) do Boletim de Informações Urológicas – órgão oficial da SBU – SP; membro do conselho editorial da revista Próstata News (1996-1998); membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urovideio (1998-1999); presidente da Comissão de Ética Médica e Defesa Profissional da SBU (1997-1999; maio a julho de 2003, interino; e 2003-2005); membro do *consulting editors* do *Brazilian Journal of Urology* (2000-2002); editor-associado do Boletim da Urologia (2001-2005); membro do conselho científico da revista eletrônica Urologia Virtual – Urovirt da Unicamp (2002-2010); membro do conselho de economia da SBU Nacional (2006-2007); coeditor do Boletim da Abrames (2010-2011 e 2012-2013); editor do Boletim *Doctor Line* do Imuvi (2010-2019); idealizador, coordenador e realizador do Projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo” (2010-2014); e diretor de comunicação e editor do Asclépio (2017-2018 e 2019-2020), boletim da Academia de Medicina de São Paulo.

Devido à sua ponderação e imparcialidade foi escolhido, pelos seus pares, para ser o presidente da comissão eleitoral dos acirrados pleitos de 2005 da SBU Nacional e de 2008 da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – sede nacional. Presidiu novamente a comissão eleitoral da Sobrames nacional em 2012 e 2016. Presidiu também o Rotary Club de São Paulo Tremembé durante dois mandatos: ano rotário 2011/2012, cujo lema mundial para esse período foi “*Conheça a Si Mesmo para Envolver a Humanidade*”, e ano rotário 2017/2018, cujo lema para esse período foi “*O Rotary Faz a Diferença*”. Dentre outros cargos que exerceu no Distrito 4430 do Rotary International destacam-se: instrutor distrital da Área VI, no ano rotário 2012/2013, cujo lema mundial era “*Paz Através do Servir*”; e governador assistente da Área V, no ano rotário

2016/2017, sob o lema mundial “*Rotary a Serviço da Humanidade*”. Recebeu, em 2017, o título de membro honorário do Rotary Club de São Paulo Mandaqui.

★ ★ ★

Do ponto de vista literário, seu nome artístico se confunde com seu nome próprio. Tem publicado artigos em diversos periódicos nacionais, interessando-se mais pelo gênero prosa, nas modalidades crônicas, ensaios, memórias, biografias, historiografias, necrológicos e cartas.

Helio Begliomini é sócio fundador da Sobrames – SP (1988), tendo exercido vários cargos, dos quais se destacam: vice-presidente (1988-1990 e 1990-1992) e presidente (1992-1994; 2007-2008 e 2009-2010). Foi secretário-geral da Sobrames Nacional (1994-1996) e presidente (1998-2000). Foi o mais jovem a ocupar a presidência na história da Sobrames – SP (37 anos) e na história da Sobrames Nacional (43 anos).

Participou como escritor da 18ª (2004), 19ª (2006) e 20ª (2008) Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Em 2005 foi agraciado com a publicação de seu nome na renomada enciclopédia “*Who’s Who in the World*” e recebeu título honorífico do Distrito 4430 do *Rotary International*.

Helio Begliomini pertence também às seguintes entidades lítero-culturais: Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames – titular fundador, desde 1989, da cadeira nº 33, sob a patronímica de Edgar Roquette-Pinto. Na ocasião, tinha apenas 34 anos e constituiu-se, até hoje, no mais jovem recipiendário desse sodalício); União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (Umeal – sócio fundador, em 1993); Liga Sul-Americana de Médicos Escritores (Lisame – sócio fundador, em 1998); Academia Cristã de Letras (desde 2000 – cadeira nº 10 sob a patronímica de Marie Barbe Antoinette Rutgeerts Van Langendonck), onde exerceu o cargo de 1º tesoureiro em seis biênios consecutivos (2002-2003; 2004-2005; 2006-2007; 2008-2009; 2010-2011 e 2012-2013), bem como o de presidente (2020-2021); União Brasileira de Escritores (UBE, desde 2005); Ordem Nacional dos Escritores (ONE, desde 2005); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS – sócio efetivo desde 2007, sob a patronímica de Carlos da Silva Lacaz); Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL – membro efetivo desde 2009, sob a patronímica de Luciano Gualberto); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (membro titular efetivo da cadeira nº 38 desde 2009, sob a patronímica de João Peregrino Júnior); Academia Brasileira de Medalhística Militar (Abrammil – comendador, membro titular e fundador, desde 2012, da

cadeira nº 50 sob a patronímica de Monteiro Lobato); Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes (Atleca – membro correspondente fundador desde 2013); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (membro titular desde 2014); e Academia Paulista de História (membro titular desde 2018, da cadeira nº 34 sob a patronímica de Jaime Zuarte Cortesão).

Helio Begliomini foi presidente de honra do XVIII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores realizado em Gramado (RS), de 28 a 31 de maio de 2000. Por ocasião desse evento recebeu dois significativos títulos: “Grande Amigo da Literatura e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Rio Grande do Sul” e “Reconhecimento pelos Relevantes Serviços Prestados à Sobrames Nacional – Biênio 1998-2000”.

Em 18 de junho de 2001, por ocasião da inauguração da Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional no Recife – PE, recebeu o título de Membro Honorário da Sobrames Nacional.

Por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da Sobrames, celebrado de 17 a 18 de abril de 2015, em Aracaju (SE), recebeu o título de Sócio Benemérito e diploma de Honra ao Mérito, por ser um dos mais antigos membros da entidade em atividade.

Helio Begliomini tem desempenhado funções de editor, editor-associado, membro de conselho editorial, de conselho de revisores e congêneres de revistas científicas e lítero-culturais.

Recebeu 124 prêmios em concursos literários, destacando-se entre eles o prêmio Clio de História da Academia Paulistana da História (2004, 2006, 2007 e 2008); prêmio Manoel Antônio de Almeida, maior comenda da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames), pelo conjunto de sua obra (2007); prêmio Aldo Miletto, pelo melhor desempenho do ano na Sobrames do estado de São Paulo (Sobrames – SP: 2007, 2008, 2009, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016; 2018); prêmio Rodolpho Civile de assiduidade na Sobrames – SP (2009); prêmio Euclides da Cunha da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2009); e prêmio de cidadania José Sérgio Pattini Filho, do Rotary Club de São Paulo Tremembé (2014). Ademais, foi honrado com uma moção de louvor da Câmara Municipal de Araruama (RJ, 2011); outra moção de congratulação e louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (RJ, 2013); além do prêmio Patronesse Francisca Prager Fróes pela divulgação da Abrames sem fronteiras e sua ativa atuação na preservação da memória desse sodalício (Abrames – RJ, 2015); e troféu Seminário Internacional Encontro das Américas de personalidade literária, pela União Brasileira de Escritores do

Rio de Janeiro (2015). Em 2017, por ocasião do 127º aniversário do bairro do Tremembé, a Câmara Municipal de São Paulo, através da Prefeitura Regional do Jaçanã – Tremembé, prestou-lhe uma homenagem pela sua “inestimável colaboração para o desenvolvimento desse Distrito da zona norte da capital paulista”. Em 13 de março de 2018, a Câmara de Vereadores da Estância Turística de Itu, por autoria da vereadora Maria do Carmo Thomaz Piunti, concedeu-lhe uma moção de congratulação concernente à sua atuação literária.

Participou em mais de 460 tertúlias; possui trabalhos publicados em 32 Antologias e teve a honra de prefaciar 24 livros, constando, entre eles, um tratado de medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Professa a fé católica e desde tenra idade tem participado de movimentos relacionados à sua comunidade religiosa, destacando-se: Congregação Mariana, Legião de Maria, Pastoral da Juventude, Curso Preparatório para o Matrimônio e Pastoral da Saúde, sendo médico responsável pelo ambulatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Jardim Tremembé (SP) desde 1979.

Helio Begliomini publicou os seguintes livros: 1. **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo** (1984); 2. **Pelo Avesso** (1998); 3. **Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores** (1999); 4. **Tributo à Sobrames – 1965-2000** (dezembro/1999); 5. **Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras** (2000); 6. **Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional** (2001), em coautoria com Luiz Alberto Fernandes Soares; 7. **A Sobrames Nacional e Seus Presidentes** (2001); 8. **Contraponto** (2002) – Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004); 9. **Alvíssaras** (2003); 10. **Mistura Fina** (2004); 11. **Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia** (2005) – Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) – Disponível também na página eletrônica da Sociedade Brasileira de Urologia: [www.sbu.org.br](http://www.sbu.org.br); 12. **Urologia, Vida e Ética** (2006); 13. **Sonhar é Preciso** (2007); 14. **Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007); 15. **Alçando Novos Ares** (2007); 16. **Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008), e selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2008, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 17. **Dissecando a Vida** (2008); 18. **Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008** (2008), em coautoria com Marcos Gimenes Salun – Disponível também na página eletrônica da Sobrames do Estado de São Paulo: [www.sobrames.org.br](http://www.sobrames.org.br)

[sobramespaulista.blogspot.com.br](http://sobramespaulista.blogspot.com.br); 19. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I** (2009); 20. **Asclepiades da Academia Paulista de Letras** (2009) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2009, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 21. **Entressafrá** (2010) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2010, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 22. **Imortais da Abrames** (2010) – Disponível também na página eletrônica da Academia Brasileira de Médicos Escritores: [www.abrames.com.br](http://www.abrames.com.br); 23. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II** (2011); 24. **Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária** (2011) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2011, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 25. **7 de Março** (2012), em coautoria com Affonso Renato Meira e Guido Arturo Palomba – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: [www.academiamedicinasaopaulo.org.br](http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br); 26. **Esculápios da Casa de Machado de Assis** (2012); 27. **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo** (2014) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: [www.academiamedicinasaopaulo.org.br](http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br); 28. **Matéria-Prima** (2014); 29. **Rotary Club de São Paulo Tremembé – Dezesesseis Anos de Interação e Serviços, Transformando a Vida Comunitária**, em coautoria com Alan Tadeo Camera; 30. **Presidentes da Casa de Luiz Pereira Barreto em seus 120 Anos (1895-2015) de Existência** (2015) – Disponível também na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo: [www.academiamedicinasaopaulo.org.br](http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br); 31. **Um Escritor que Virou Cidade** (2016); 32. **Rugas** (2017); 33. **Helio Begliomini em Prosa e Verso** (2018), editor Marcos Gimenes Salun – Disponível também na página eletrônica da Sobrames do Estado de São Paulo: [www.sobramespaulista.blogspot.com.br](http://www.sobramespaulista.blogspot.com.br) – Memórias Literárias; 34. **Um Médico Entre Historiadores – Agradecendo a um Especial Convite de Clio** (2018); 35. **Entrelinhas** (2018); 36. **Memórias de um Caríssimo Ambulatório** (2019); 37. **Antigos Membros da Centenária Academia de Medicina de São Paulo** (2021); e 38. **Mulheres Notáveis e Pioneiras na Área da Saúde do Brasil do Século XIX** (2021).

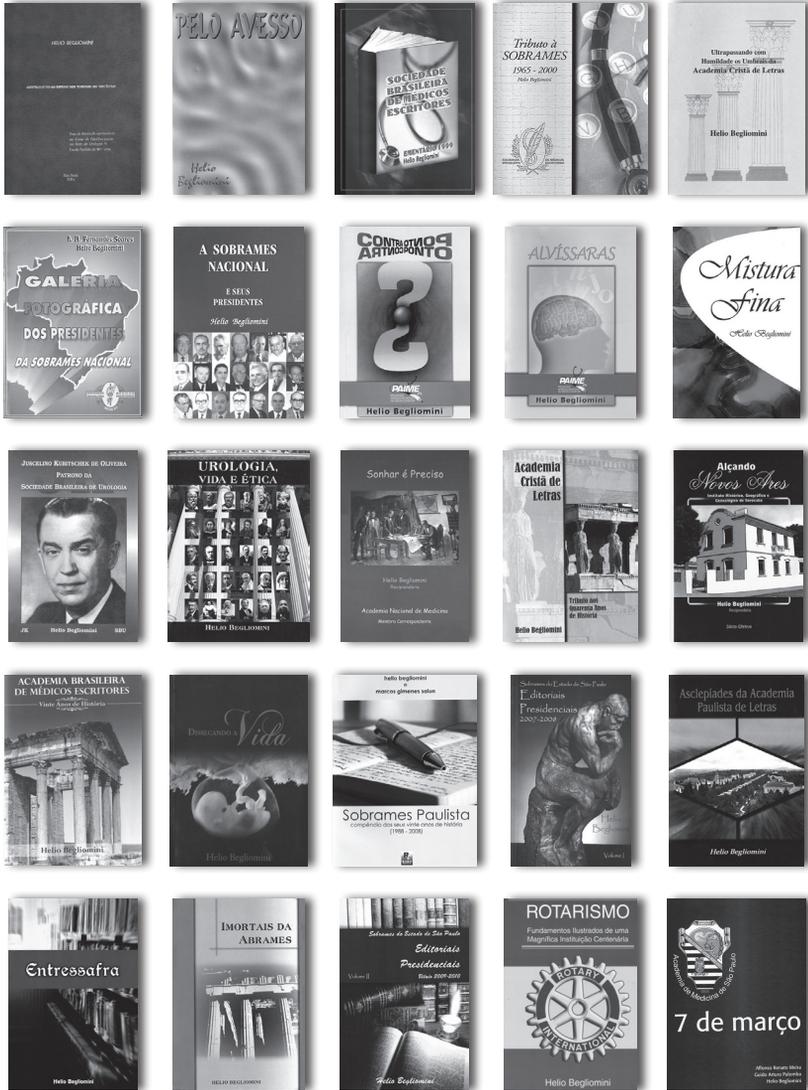
Seus livros encontram-se disponibilizados em acervos de diversas escolas, bibliotecas e entidades. Dentre elas têm-se, em **São Paulo**: bibliotecas Mario de Andrade, Mário Schenberg, Narbal Fontes, Prestes Maia e Pedro

Nava; Colégio Santa Gema, Associação Paulista de Medicina, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de Letras, Academia de Medicina de São Paulo, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SP, Faculdade de Medicina de Jundiaí, Faculdade Cásper Líbero, Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Banco de Dados Bibliográficos da USP, Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, Hospital São Camilo – Pompeia, Hospital São José da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, Centro Universitário São Camilo – *campi* Ipiranga e Pompeia, Universidade Federal de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Sociedade Brasileira de Urologia – Seccional de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), União Brasileira de Escritores e Sindicato dos Médicos de São Paulo. No **Rio de Janeiro**: Biblioteca Nacional, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores, Sociedade Brasileira de Urologia, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – RJ e Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Em **Minas Gerais**: Academia Mineira de Medicina. Em **Brasília**: biblioteca do Congresso Nacional e Conselho Federal de Medicina. No **Paraná**: Biblioteca Pública do Paraná. Em **Pernambuco**: Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Pernambuco, e Academia Pernambucana de Letras. Em **Sergipe**: Academia Sergipana de Medicina. No **Rio Grande do Sul**: Sociedade União Israelita de Passo Fundo.

No exterior, exemplares de sua obra podem ser encontrados nos seguintes países:

**Argentina**: *Biblioteca Nacional Mariano Moreno de la República Argentina* – Buenos Aires; **Austrália**: *National Library of Australia* – Canberra; **Canadá**: *National Library of Canada – Library and Archives Canada* – Ottawa; **Estados Unidos da América**: *National Library of Medicine – National Institutes of Health* – Bethesda, Maryland, e *Library of Congress* – Washington, DC; **Finlândia**: *National Library of Finland* – Helsinque; **Portugal**: Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa; **Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte**: *British Library* – Londres; e **Rússia**: *National Library of Russia* – São Petersburgo.

Mulheres Notáveis e Pioneiras na área da Saúde do Brasil do Século XIX



Helio Begliomini

